

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS E MATEMÁTICAS-PPGECM

Ruth Gabriel Canga Buza

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ideias, saberes e práticas
relatadas por professores em um país em reconstrução,
Angola

Belém- PA

2013

RUTH GABRIEL CANGA BUZA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ideias, saberes e práticas
relatadas por professores em um país em reconstrução,
Angola**

Texto final de dissertação apresentado na sessão de defesa como requisito do Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, para obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências, sob orientação da Prof^a. Dra. Terezinha Valim Oliver Gonçalves.

Belém-PA

2013

RUTH GABRIEL CANGA BUZA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ideias, saberes e práticas
relatadas por professores em um país em reconstrução,
Angola**

Texto final de dissertação apresentado na sessão de defesa como requisito do Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, para obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências, sob orientação da Prof^a. Dra. Terezinha Valim Oliver Gonçalves.

Belém

2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Buza, Ruth Gabriel Canga, 1991-
Educação ambiental: ideias, saberes e
práticas relatadas por professores em um país
em reconstrução, Angola / Ruth Gabriel Canga
Buza. - 2013.

Orientadora: Terezinha Valim Oliver
Gonçalves;

Coorientadora: Ariadne Contente.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal
do Pará, Instituto de Educação Matemática e
Científica, Programa de Pós-Graduação em
Educação em Ciências e Matemáticas, Belém, 2013.

1. Educação ambiental. 2. Ciência - estudo e
ensino. 3. Professores de ciência - formação. 4.
Prática de ensino. 5. Escola - Angola. I.
Título.

CDD 22. ed. 304.2

Aos inúmeros esperançosos que esperam por dias melhores. Aos filhos e filhas que tiveram seus sonhos oprimidos, vivendo à margem do crescimento alheio, estes que conhecem a dor e seus sinônimos, vivenciando a injustiça e as contradições de uma sociedade indiferente aos mandos e desmandos desumanos de outrem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me concedeu a oportunidade de estar em um mestrado. Sem seu imenso amor, sua compaixão e misericórdia eu não estaria aqui. A Ele, autor da minha fé, capaz de fazer infinitamente mais do que pensamos e pedimos, agradeço hoje e sempre.

Aos meus pais, Juliana Canga e Alfredo Buza, pelo sustento em orações, aconselhamentos, pelas inúmeras sugestões para que este trabalho fosse tecido do modo pelo qual foi feito. Estes que não são apenas meros parentes, mas docentes competentes e que contribuíram maravilhosamente para que a minha humilde colcha de retalhos se tornasse uma bela obra de arte.

Ao Instituto de Educação Matemática e Científica, pelos dois anos de acolhimento e pela oportunidade de crescer intelectualmente por meio das disciplinas e outras atividades acadêmicas ali ofertadas.

À professora Terezinha Valim Oliver Gonçalves pela orientação minuciosa deste trabalho, permitindo que eu crescesse profissionalmente durante o período do Mestrado.

Agradeço aos professores angolanos, sujeitos da minha pesquisa, que prontamente atenderem o meu convite, narrando suas práticas, suas expectativas e dificuldades no ensino de Ciências que realizam, mesmo em condições precárias de trabalho e formação.

Aos professores das disciplinas do Programa de Pós-Graduação agradeço sobremaneira. Foram muitos os encontros que me permitiram conhecer um pouco mais sobre o ensino. Manhãs de muito escutar, muito aprender, construir e desconstruir. Sinto-me na obrigação de agradecer-lhes pelos conhecimentos adquiridos. Agradeço a professora Silvia, Jerônimo, Remédios e Ana Cristina.

Ao grupo de estudo (TRANS) FORMAÇÃO, pelos encontros em que pudemos compartilhar leituras, discutir ideias e contribuir com a construção dos trabalhos dos demais colegas. Foram momentos especiais nos quais aprendi muito sobre a formação docente.

Aos colegas, France, Conceição, Elisa e Cristhian, que disponibilizaram parte de seu tempo para ler e contribuir de forma positiva para a construção desse trabalho. O empenho e dedicação de vocês foram essenciais para a construção desta pesquisa.

À professora Ariadne Contente, que permitiu que eu fosse sua estagiária, muito obrigada pelo apoio e compreensão diária. Cresci muito observando suas aulas, estas por sua vez que falaram muito sobre o real sentido do ensino: o escutar, e principalmente o estar ciente da condição do ser político que o professor realmente é.

Ao Pastor Elias Teodoro e Irmã. Irenice e família, pelas orações e apoio sempre constante desde sempre. Vocês são muito especiais na minha vida.

Aos amigos da Primeira Igreja Batista do Pará que me suportaram em orações: Amanda Rocha e família, Marcela Pimentel e família, Ilvana e Maurício Brazão, Tia Eliana e Renato Nogueira, meu muito obrigada.

Obrigada a todos os que, direta ou indireta, contribuíram para concretização desta dissertação de mestrado.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais sempre tão amáveis e prontos a me ajudarem em todos os momentos da minha vida, sejam estes bons ou ruins.

À minha irmã querida, que é um presente de Deus na minha vida.

Aos professores, sujeitos desta pesquisa, que compartilharam comigo suas experiências dentro da sala de aula e suas ideias sobre Educação Ambiental.

Às crianças angolanas que, desde tão pequenas lutam diariamente contra o descaso familiar e social. Estas que poderão trazer inúmeras mudanças para o país, e que precisam ser instruídas, acolhidas e amadas diariamente.

*“É melhor tentar e falhar, que se preocupar e ver a vida passar. É melhor tentar, ainda que em vão, que se sentar fazendo nada até o final. Eu prefiro na chuva caminhar, que em dias tristes em casa me esconder. Prefiro ser feliz, embora louco, que em conformidade viver.” **Martin Luther King Jr.***

RESUMO

O contexto angolano serviu de cenário para a realização deste trabalho. Foram pesquisadas três escolas da rede pública de ensino. Contamos com dois professores de cada escola, sendo estes docentes da disciplina de Estudo do Meio (que pode ser considerada como a disciplina de Ciências aqui no Brasil), lecionam no ensino primário (termo usado para o ensino fundamental). Este trabalho é de natureza qualitativa, na abordagem narrativa, e com esta escolha tivemos a oportunidade de mergulhar nas experiências relacionadas com a prática docente desses professores em sala de aula, tendo como objetivo analisar a inserção da temática ambiental na prática docente em Angola. Angola possui em sua história inúmeras marcas de exploração e guerra, que trouxeram grande impacto para a sociedade angolana, o que nos permite até hoje perceber deficiências de ordem mental e moral nos filhos e filhas oriundos dessa terra. Escrever sobre a educação no país é escrever sobre como os professores e alunos conseguem transpor as múltiplas dificuldades vividas diariamente, e, mesmo num contexto adverso, ainda investir no ensino- aprendizagem dos estudantes, confiantes na construção de um futuro melhor. Com a pesquisa foi possível ouvir os professores e registrar relatos sobre o modo como a temática ambiental é inserida em sala de aula. No entanto, com a observação do espaço escolar, também foi possível notar a necessidade de uma abordagem mais aprofundada, já que foi perceptível notar falhas relacionadas aos cuidados com a escola. A Educação Ambiental foi evidenciada como preocupação educacional, embora seja necessária sua implantação como política pública e formação continuada de professores para que se possa constituir processo cultural, o que necessita mudança cultural.

Palavras- chave: Educação Ambiental, Ciências, Escola, Angola.

ABSTRACT

The Angolan context served as the backdrop for this work. We surveyed three schools of public schools, we have two teachers from each school, and these teachers of the discipline of Environmental Studies (which can be considered as the discipline of Sciences here in Brazil) these teachers teach in primary (term used for elementary schools) . This study is qualitative in nature, the narrative approach, and with this choice had the opportunity to dive into the experiences related to teaching practice of these teachers in the classroom , and to analyze the insertion of Environmental Thematic teaching practice in Angola . Angola has numerous brands in their history of exploitation and war , these in turn brought great impact to the Angolan society , allowing us to realize today deficiencies mental and moral order of the sons and daughters of this land coming . Write about education in the country, is to write about how teachers and students can overcome the many difficulties experienced daily. and even in this context also invest in the teaching - learning confident in building a better future . Through research it was possible to hear the teachers and register reports about how the Environmental Thematic is inserted in the classroom, however with the observation of the school , it was also possible to note the need for a more thorough approach , which was already noticeable notice some glitches related to the care of the school . Environmental education alone favors the formation of reflective beings , which allows the gradual change of society.

Key- words: Environmental Education, Sciences, School, Angola.

ÍNDICE DE IMAGENS E QUADROS

IMAGENS

Imagem 1: Horta feita em uma escola de Angola.	75
Imagem 2: Sala de aula em uma escola periférica de Luanda	80
Imagem 3: Diretoria de uma escola periférica de Luanda	80
Imagem 4: Alunos estudando em uma escola periférica de Luanda	81
Imagem 5: Área de lazer em uma escola periférica de Luanda	81
Imagem 6: Cartaz de sensibilização ambiental em uma escola no centro de Luanda	86
Imagem 7. Área de lazer em uma escola do centro de Luanda	86
Imagem 8:Lixo jogado entre as salas de uma escola do centro de Luanda	87
Imagem 9: Frase pintada próximo as salas em uma escola do centro de Luanda	88
Imagem 10: Espaço de lazer em uma escola situada na área de urbanização de Luanda	90
Imagem 11: Corredor de uma escola na área de urbanização	91
Imagem 12:Cartaz de sensibilização ambiental em uma escola na área de urbanização	91
Imagem 13: Lixo encontrando em terreno baldio ao lado de uma escola em Luanda	92
Imagem 14: Cartaz de sensibilização sobre tratamento de água, em uma escola de Luanda	93
Imagem 15: Cartaz de sensibilização sobre manejo de lixo, em uma escola de Luanda	95

QUADROS

Quadro 1: Sistema de Educação Vigente- Educação Pré Escolar	45
Quadro 2: Sistema de Educação Vigente. Ensino Geral Primário	46
Quadro3: Número de alunos, aprovados e reprovados. Ano Letivo- 2012	46
Quadro4: Formação acadêmica dos professores. Ano letivo- 2012	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. REVIVENDO MINHAS MEMÓRIAS-NO IR E VIR DA EDUCAÇÃO INTERCONTINENTAL	19
2. CONHECENDO ANGOLA E SUA HISTÓRIA	27
3. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: SUA HISTÓRIA E IMPORTÂNCIA NO ENSINO DE CIÊNCIAS	34
4. OS CAMINHOS ESCOLHIDOS PARA A CONSTRUÇÃO DO TRABALHO	44
5. A DOCÊNCIA RELATADA: IDEIAS, SABERES E PRÁTICAS	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERENCIAS	

INTRODUÇÃO

Ao vivenciar culturas diferenciadas, e sistemas educacionais completamente distintos, indagava-me constantemente sobre o ensino em Angola. Essas indagações, preocupações, é que me moveram e me movem constantemente a tecer a história, e a interessar-me pelas ideias e práticas dos professores de um país tão distante da realidade brasileira. Sem o desejo de desvalorizar, ou expor somente as falhas existentes no sistema educacional angolano, o que busco é analisar o modo como os professores vêm se entregando ao aprimoramento do ensino no país, como no caso da Educação Ambiental, foco desta pesquisa.

Como educadora minha intenção tem sido a de possibilitar ao docente, momentos que ele possa compartilhar suas experiências de sala de aula e exercer o processo de sua constituição como professor, incentivando que ele revise suas memórias por alguns minutos para que desenvolva o exercício de contar histórias e reflita sobre sua formação com o olhar do presente. Falar do dito não é apenas reduzir o dito, mas reviver o vivido que gerou o dizer que agora, no tempo do redizer, de novo se diz (FREIRE, 2011). Acredito que os relatos registrados me ajudarão a compreender um pouco mais sobre a história de Angola e os caminhos que a educação no país vem traçando.

São muitos os problemas ambientais evidenciados no país, daí a importância de se investir na Educação Ambiental e nas políticas públicas. Os problemas ambientais, a formação docente, o modo como Angola se constituiu como país e a compreensão sobre o árduo caminho que a nação ainda tem pela frente até reconstruir-se plenamente, são razões que me estimulam a escrever sobre o país.

Sob o meu ponto de vista, a produção de trabalhos que carregam em si o objetivo de analisar, modificar, e ajudar o país a refletir sobre sua condição e sobre estratégias coerentes para se obter o êxito desejado nesse processo de desenvolvimento são de extrema relevância.

Além disso, no que tange ao desenvolvimento de Angola é importante enfatizar que esta pesquisa compreende a necessidade de esclarecer o real significado de desenvolvimento, visto que boa parte dos cidadãos não relaciona o termo

desenvolvimento ao aspecto educacional, mas relaciona o crescimento do país somente aos inúmeros canteiros de obras, e à presença de shopping, e prédios comerciais, sendo esses considerados como o verdadeiro reflexo do progresso. A cultura e a educação para todos são vistas como consequências do progresso econômico e não como base do mesmo. A cultura, nesse sentido, é ilustrativa, enciclopédica, procurando refletir o acesso de uma classe ao mundo civilizado e moderno (REIGOTA, 2010).

A principal crítica de alguns autores angolanos que discutem sobre o desenvolvimento em países africanos é sobre a real compreensão de desenvolvimento dos governantes e principalmente do povo. Muito se fala em crescimento, mas esse crescimento não está aliado ao investimento educacional, e muito menos à saúde. Para alguns otimistas precisamos pensar no futuro e crer que isso é apenas uma fase, e que posteriormente teremos investimentos maiores nesses setores. Mas a questão é: se não investimos agora na educação enquanto estamos reconstruindo tudo, não será no futuro, na fase adulta, que esse investimento será feito. Se hoje não mostrarmos às crianças a importância de ir à escola, e principalmente a importância de preservarmos espaços salubres para a realização dessas aulas, não será no futuro que elas vão perceber essa necessidade. Sabendo que existe um longo caminho pela frente, temos que investir em aspectos que realmente nos darão retornos benéficos. Podemos usar a fala de CANGA (2007, p.28) quando se refere ao papel da educação na sociedade, nos seguintes termos:

[...] a educação é uma das bases que podem promover o desenvolvimento, a liberdade, sobretudo para incorporação da responsabilidade política dos que fazem uma nação. Essa responsabilidade política pautada em um senso crítico, leva à organização da sociedade e à tomada de decisões principalmente inserida em um contexto, político, econômico, social e cultural específico.

De modo similar, Freire (2011, p. 96) diz que:

[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que, além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialético e contraditório, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas.

Considero importante pesquisar profundamente a questão ambiental, pois acredito que os novos padrões de vida existentes em países desenvolvidos vêm sendo introduzidas em outros contextos sociais (países subdesenvolvidos), estes padrões por sua vez não vão ao encontro da cultura e do modo de vida dessas populações. A imitação de padrões de consumo e de formas de organização produtivas dos países

altamente industrializados provoca níveis mais altos de contaminação e processos mais graves de destruição dos recursos (LEFF, 2009).

Avaliando a situação em que o país se encontra, posso considerar que críticas são bem vindas desde que sejam para construir e trazer melhorias. Tratando-se de professores que exercem a profissão seja por amor ou por falta de opção é necessário ter em mente que existe um esforço para a realização de suas aulas, seja este esforço suficiente ou não para o desenvolvimento intelectual do aluno. O esforço despendido em sala está relacionado principalmente à construção da prática docente, assim como as ferramentas metodológicas apresentadas em sala.

Neste processo de ensino-aprendizagem, o professor vai aos poucos se construindo e desconstruindo, incorporando na sua prática estratégias que permitam o aprimoramento de suas aulas. A contextualização pode se tornar uma aliada capaz de favorecê-lo em sala, pois isto ajudará o discente a observar no ambiente o que está sendo abordado pelo professor. A contextualização permitiria a entrada da questão ambiental em sala, mesmo que de forma gradativa, os aspectos ambientais estão presentes diariamente na vida de qualquer pessoa, sejam estes bons ou maus. Telles (2002, p. 31) discorre muito bem o significado do meio ambiente, afirmando que:

É no meio ambiente que se materializam as relações que os homens mantêm entre si e a natureza. Por isso, a característica fundamental da Educação Ambiental está no objeto de estudar o Meio Ambiente considerando-se seus aspectos físicos, químicos e biológicos. Incorporando também toda uma rede de relações, socioeconômicas, culturais, políticas, ecológicas, éticas e estéticas.

E onde entra a Educação Ambiental neste trabalho? A escolha pelo aspecto ambiental funda-se em minha compreensão sobre o fato de estarmos vivenciando um período de preocupações com o ambiente, e esse aspecto ser importante para um futuro melhor, com as mudanças que vem ocorrendo no país, não poderia deixar de analisar como o ensino angolano vem se estruturando neste cenário.

O país possui muitos problemas relacionados ao saneamento básico, e à poluição ambiental, especialmente decorrente do lixo que é depositado em locais indevidos. É possível notar, ainda na capital, o grande acúmulo de lixo tanto no centro da cidade como nas regiões periféricas, o que me faz crer que a ausência da Educação Ambiental não está relacionada somente à classe de baixa renda, manifestando-se como deficiência

geral. Por isso, a importância de se desenvolver e pesquisar trabalhos sócio- ambientais com a população, especialmente com professores, que são formadores de opinião. É importante ter em mente que:

Deve-se reconhecer a educação ambiental como um processo político dinâmico, em permanente construção, orientado por valores baseados na transformação social. Nesse sentido, a iniciativa das Nações Unidas de implementar a Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014) e o de 2010 como ano Internacional da Biodiversidade reforçou mundialmente a sustentabilidade a partir da educação como Ano Internacional da Biodiversidade reforçou mundialmente a sustentabilidade a partir da educação (BALASSIANO & TORRES, 2010, p.32)

Sobre o meio ambiente em Angola a constituição angolana reservou um espaço para tal. Em seu artigo 39º afirma que: *Todos têm o direito de viver num ambiente sadio e não poluído, bem como o dever de o defender e preservar.* E segue alertando que: *A lei pune os actos que ponham em perigo ou lesem a preservação do ambiente* (ANGOLA, 2010). Há uma preocupação relacionada ao Meio Ambiente na própria constituição. Sendo assim considero ser importante estimular essa preocupação dentro da sala de aula também. Desse modo, os cidadãos terão maior probabilidade de cumprir a constituição, nesse quesito, tornando-se críticos e participativos.

A educação deve ser vista como atividade emancipadora, em que por meio desta o indivíduo terá seu papel na sociedade firmado como pessoa consciente e atuante. Não como uma atividade alienante e mantedora de dominação econômica e política (QUEIROZ, 2009)

A pesquisa foi realizada em Luanda, esta que é o polo administrativo e político do país. Luanda é a maior cidade sendo também capital de Angola e da província homônima. Localizada na costa do oceano Atlântico, é a principal porta de entrada no nosso país, seja por meios aéreos ou marítimos. (MINISTÉRIO DO AMBIENTE, 2009).

Angola, por sua vez, é um país novo com 35 anos de independência obtida após um longo período de lutas em 11 de novembro de 1975, quando deixou de ser governada por portugueses. A educação no país é precária, fruto de políticas públicas pouco consistentes.

A nação tem problemas complexos do ensino primário ao superior, cujas deficiências não serão sanadas com facilidade já que os problemas estão relacionados, principalmente, a aspectos sociais.

O ensino no período colonial era privilégio de poucos, e os que tinham acesso não chegavam muito longe no nível acadêmico. Com o final do período colonial, boa parte dos professores qualificados voltou para Portugal e, como se não bastassem os problemas sociais deixados pelo colonizador, ainda existem as condições precárias que professores e alunos têm que enfrentar em sala de aula. Analisando o cenário em que o país se encontrava, CANGA (2007, p. 14) afirma que:

Para suprir as necessidades das escolas, o sistema educativo angolano passou a aceitar como professor todo o indivíduo que tivesse alguma formação acadêmica ou técnica adquirida em uma instituição escolar de nível básico, médio ou superior, quer fosse para o exercício de uma profissão técnica, quer para o magistério. Essa decisão prévia era para não deixar as escolas sem professores e, assim, qualquer profissional poderia ser professor, o que vem provocando grandes desajustes no sistema de ensino e na aprendizagem de modo geral.

A pesquisa foi realizada em três instituições de ensino diferentes, sendo que em cada uma conversamos com dois professores de Estudo do Meio (no contexto brasileiro, Ciências) que lecionam no ensino primário, optou-se por este número de docentes, por entender que com um menor número seria mais fácil analisar de modo aprofundado as falas dos sujeitos pesquisados.

Com esta pesquisa procuro analisar como a Educação Ambiental tem sido tratada (se tratada) em sala de aula, assim como conhecer o que levou os professores investigados a lecionarem a disciplina de Ciências. Vale ressaltar que o termo Educação Ambiental não é usado no país, no entanto, buscamos pesquisar a inserção de aspectos relacionados ao cuidado ambiental. Sobre a questão problema, inicialmente me questionei em investigar, para conhecer: em que termos professores angolanos expressam ideias, saberes e práticas de ensino de Ciências e de Educação Ambiental no contexto de sua prática docente?

Teço este trabalho relembrando a minha vida em “Revivendo minhas memórias- no ir e vir da Educação Intercontinental”, conto como iniciei minha trajetória educacional e as inúmeras mudanças que tive que fazer nesses 22 anos de vida. “Conhecendo Angola e sua história” nos permite mergulhar na cultura angolana, sua história desde a

colonização até a busca pela reestruturação do país do pós guerra civil. Por entender que a educação é o ponto chave para o tão desejado desenvolvimento sonhado pelos angolanos, trago “A Educação Ambiental: sua história e importância no ensino de ciências”, vejo a EA como imprescindível para a construção de sujeitos críticos e com um entendimento necessário para um desenvolvimento sustentável. Em “Os caminhos escolhidos para a construção do trabalho” relato o processo de organização deste trabalho, os sujeitos de pesquisa e a metodologia utilizada. O capítulo seguinte é constituído pelas minhas experiências de vida, neste, relato a minha construção como discente e docente, partindo das minhas vivências em Angola e do longo período vivido no Brasil.

1. REVIVENDO MINHAS MEMÓRIAS - NO IR E VIR DA EDUCAÇÃO INTERCONTINENTAL

Não me lembro de datas, mas de cenários e vagos períodos. Lembro-me do período em que, ainda pequena, pedia desesperadamente a minha mãe para ir à creche na cidade de Cabinda (Angola) onde morávamos. Nessa época, tinha sobre mim os olhos atentos de minha mãe por algumas horas do dia, pois ainda que era muito pequena para estar ali, mas, sem eu saber, já estava desenvolvendo em mim o carinho pelo espaço educacional.

O tempo passou e eu vivenciei por cinco anos o ensino e o cotidiano em Angola. Após esse período mesmo sendo muito pequena, já estava muito apegada à cultura, à família e aos amigos conterrâneos. Mas era necessário partir, pois meus pais vieram estudar em Belém do Pará, Brasil. Aqui eu me deparei com um ambiente diferente. Na época, não frequentei mais a creche, e sim a escola propriamente dita. Não entrei diretamente na alfabetização mais sim no Jardim II. Isso, pelo fato dos meus pais compreenderem que eu não tinha conhecimento suficiente para entrar na alfabetização.

Tinha muitas saudades dos parentes que havia deixado para trás. O que sei é que minha mãe precisou por muitas vezes me consolar, e explicar sobre a necessidade de estar ali.

Cursei meu ensino fundamental até a 5ª série na Escola Batista do Marco, em Belém. Tenho ótimas lembranças desse lugar, uma escola evangélica que contribuiu para a minha formação como cidadã. Ali aprendi a respeitar, me expressar e também aprendi muito sobre a bíblia e a necessidade de viver segundo a palavra de Deus. Falando em religião, não posso esquecer que a igreja também teve um papel fundamental para a minha formação. Em uma organização de meninas, chamada Mensageiras do Rei, aprendi a lidar com o público sem acanhamento.

Lembro com ternura desses momentos, pois foi nesse ambiente que fui aos poucos me constituindo como professora, sim professora. Digo isso porque em muitos momentos tive de me apresentar para a igreja, expondo trabalhos da organização. Foi ali que aprendi que “O temor no Senhor é a chave da sabedoria, e o conhecimento do santo é a verdadeira compreensão da vida” (Provérbios 9: 10). Essas experiências me ajudaram a criar o gosto por dirigir, apresentar ou orientar pessoas. Hoje estar em sala de aula e interagir com os alunos me completa graças a esses momentos.

Sete anos depois de uma vida no Brasil, retornei para Angola. Nesse momento minha mãe já havia concluído o ensino superior em Licenciatura em Química e meu pai concluiu não só a graduação em Agronomia, mas também o mestrado. Meus pais voltaram com o intuito de ajudar na reconstrução de um país, onde os investimentos para educação e especificamente em docentes qualificados eram e ainda são necessários. Nesse momento eu já era quase uma adolescente e não me conformava em voltar para o meu país de origem, bem diferente do que senti quando ainda pequena vim para o Brasil. Foi um período muito conturbado por não me identificar mais com a cultura do país, o ambiente e nem com as pessoas.

Chegando ao país de destino, tive novamente que me adaptar à cultura, ao sistema educacional e às novas condições de vida. A escola não parecia com a que deixei em Belém, a alimentação muito menos, as relações interpessoais eram mais distantes e pouco afetuosas. Essas mudanças embora desgastantes e sofridas me construíram e me desconstruíram, pois o modo de vida em Angola diferente do Brasil o que me fez construir “estratégias adaptativas” para viver salutarmente em cada país sempre foi muito cansativo. As mudanças foram responsáveis pela formação de quem sou, considerando que os traços de personalidade de ser humano se aprendem vendo, convivendo (ARROYO, 2000).

Compreendo que a minha construção foi impactada por distintos discursos, culturas, nessa perspectiva podemos afirmar que a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais (HALL, 2011). Deixei marcas na vida deles e eles em mim, impressões que contribuíram para uma mudança de visão de mundo que estes possuíam e que eu tinha. Na realidade essa dispersão das pessoas ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares. Essas identidades podem ser desestabilizadas, mas também ser desestabilizadoras (Woodward, 1997).

Aos 11 anos fui matriculada em uma escola particular em Cabinda, Angola, onde cursei a 7ª série. Foram momentos bons, durante os quais fiz amigos que até hoje são muito queridos para mim. No entanto me deparei com um ensino mais mecanicista, pouco afetivo, as minhas respostas em cada avaliação precisavam ser exatamente do jeito que o professor havia dado em sala de aula. Nesse ano desenvolvi a necessidade de

decorar fórmulas, e respostas exatas para poder obter êxito no final das avaliações. Não havia um espaço para o diálogo, exposição de ideias.

O professor era visto por nós como o detentor da verdade. Questiono-me sobre como a sala de aula é vista pelos professores, se como um local em que só a sua voz predomina ou como um espaço onde a abertura para o diálogo é o que move as aulas. Freire (2011, p. 111) explicita bem sobre isso, supondo que:

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar com ele.

No contexto em que estudei, não conheci muitos professores amigos, que ouviam seus alunos, professores amorosos... Pelo contrário, convivi com uma maioria que pautava suas aulas em discursos ríspidos e sem uma abertura para interagir com os alunos. A palmatória ainda era utilizada em sala de aula, trazendo à tona uma dura realidade que eu não conhecia. Foram vários os momentos em que presenciei professores batendo em nós alunos por não terem feito a lição de casa ou por não terem copiado por completo o que estava escrito no quadro negro.

Sendo aluna da 8ª classe, fui escolhida como delegada da turma¹. Por vezes, precisei assumir o papel de carrasca, comecei a anotar o nome desses alunos que não haviam feito as lições e os mais bagunceiros, para logo em seguida serem punidos. No período achava que não era nada de mais, mas hoje percebo como a nossa mente é facilmente influenciada quando temos alguém em um posto acima do nosso e que nos incentiva a cometer o que não é correto. Hoje, relatando esse fato, percebo como a prática não era específica daquele momento, mas sim um reflexo de uma cultura introduzida ainda no período colonial, o de punir pela violência, o de relatar queixas contra os seus em troca de um simples elogio ou algum agrado (no meu caso a primeira opção), mas que era algo normal para os próprios alunos e professores.

Relatando esses fatos, vejo claramente que é inconcebível aceitar essa prática em sala de aula. Não é justo aceitar tratamentos impessoais ou ríspidos, desconsiderando a pessoa do aluno (CANGA, 2007).

¹ No Brasil, seria a chamada representante da turma

A questão da punição em Angola, para alguns, é tão normatizada e pouco questionada, que os mesmos colegas que através de mim foram castigados, não aparentam guardar mágoas e se lembram destes fatos como algo engraçado. Não exponho isso para me justificar, mas para externalizar os moldes pelos quais o ensino angolano é desenvolvido.

Esses professores deixaram marcas na minha vida, de certa forma, contribuíram para a minha compreensão parcial sobre a prática docente. As concepções sobre os valores, o dever moral de ser professor (a) foram absorvidos por mim no lento convívio, exemplar dos “bons” ou “maus” professores e com a minha cumplicidade de ser aprendiz (ARROYO, 2000).

. Na realidade o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 2011).

Fui uma boa aluna, digo isso porque meus professores me elogiavam e não tinha notas baixas. Sabia algumas coisas que meus colegas que até mesmo mais velhos que eu, não sabiam. Não vejo isso com olhos de vaidade, mais sim de preocupação já que as questões feitas pelos professores eram simples e de fácil compreensão. Questiono-me sobre o ensino que foi apresentado a esses discentes desde os primeiros anos na escola, um ensino com pouca profundidade, algo mais superficial do que eu tive a oportunidade de vivenciar.

Foram dois anos em Angola, com muitos problemas relacionados à saúde principalmente. Já que a higienização não é algo muito presente no país, ao ir a algumas casas não podia beber água por não saber se era água tratada ou não. No primeiro ano tive muitos problemas de saúde, o que não perdurou no segundo ano, onde eu já estava adaptada e mais à vontade.

O tempo em que estive em Cabinda foi prazeroso no sentido do conhecimento da cultura e da minha própria família (como saí do país aos 5 anos, não tive um tempo significativo para interagir com a família). Na perspectiva escolar, comprometi de modo relevante a minha construção intelectual, já que o país ainda está alinhando as arestas do

ensino no país. Muito do que vi em sala, pouco foi aproveitado. Os conteúdos trabalhados em sala de aula eram muito teóricos o que não me permitia compreender a sua importância no meu cotidiano. Ali eu ia para escola para me distrair e não para aprender, e realmente estar na escola permitia que eu me desligasse um pouco dos aspectos negativos que a cidade me apresentava. Estar na escola me permitia conversar com amigos e me divertir.

Após viver dois anos em Angola voltei ao Brasil, acompanhando a minha mãe, ela veio para cursar o seu mestrado. Viemos, eu, minha mãe e minha irmã, na época com cinco anos de idade.

Cheguei ao Brasil, muito entusiasmada, mas, mal eu sabia o quanto teria que me desdobrar para entrar no ritmo do ensino brasileiro. Não foi a mesma situação que deixei ao voltar para Angola. Agora era diferente, eu estava no ensino médio, e já estava não só lutando por uma aprovação na escola, mas também por uma aprovação para algo maior, o vestibular. O vestibular até então era desconhecido e se quer foi trabalhado nos meus últimos anos de ensino fundamental, já que finalizei esse nível de ensino em Cabinda.

A visão de que a aprendizagem seria fácil e simples ainda perdurava, afinal foram dois anos de relativismo. Para mim, as avaliações seriam tão simples como o que eu já tinha feito, mas não foi que eu encontrei. Encontrei um ensino difícil, onde a leitura era necessária para resolver questões, apresentar respostas mais elaboradas era importante. Foi um ano difícil, noites e noites sem dormir, buscando alcançar o ritmo das aulas.

Posso dizer que para me adaptar ao ensino médio por completo, seria necessário vivenciar esse nível de ensino por um período maior do que vivenciei. O 1º e 2º ano foram difíceis, a partir do terceiro já estava conseguindo entender o sistema educacional e o modo como os professores realizavam as suas avaliações.

Havia me acostumado com o ensino em Angola, muito mais objetivo. Se o aluno respondesse as suas questões exatamente como estudou em sala de aula e como leu, ele tem grandes chances de obter uma boa nota. Nesse modelo de ensino não há um espaço nas provas para reflexão das questões. O que vale é a memorização do conteúdo.

Até hoje não entendo como consegui finalizar o ensino médio, e muito menos como ingressei na universidade. Surpreendo-me com isso, o modelo de ensino no Brasil permite que o aluno pense sobre as suas respostas, avaliando as diferentes situações nas quais o conteúdo será empregado, formando, assim, um ser crítico-reflexivo.

A escolha do curso foi feita com base nas possibilidades de aprovação. Ingressei na Universidade Estadual do Pará em Licenciatura em Ciências Naturais-com habilitação em Química. Já vivenciava um cenário relacionado ao curso, por conta da graduação de minha mãe e essa proximidade deve ter influído sobre minha opção e, até mesmo sobre o meu gosto pela Química e, por isto, considerei ter mais chances de aprovação. Entrei na universidade aos 16 anos. O curso foi bom, porém pouco proveitoso, já que muitos dos professores não colaboravam para realizar a sua profissão da melhor forma possível. Por conta disso, meu interesse por matérias pedagógicas aumentava cada vez mais do que pelas específicas.

Poderia dizer que minha segunda opção de curso seria a Pedagogia. Mas considero que foi experiência ímpar, e só posso afirmar isso porque foi durante o curso que conheci um pouco sobre pesquisa, e como pesquisar. Foram quatro anos muito produtivos, graças a minha entrada no grupo de pesquisa. Conheci professores que me orientavam a cada nova ideia que surgia, a cada nova pesquisa.

Não tive um período longo em escolas como docente. Tudo o que aprendi, foi fruto da experiência de ministrar aulas no Cursinho Alternativo da UEPA. Nesse período, também coordenei o cursinho. Como estágio supervisionado, conheci escolas desestruturadas, onde alunos e professores precisavam lidar com o ensino-aprendizagem em condições desfavoráveis de ambiente escolar, isso não era novidade para mim já que em Angola embora não tendo estudado em nenhuma escola com problemas de infraestrutura ou deficiência no quadro de docentes, tive a oportunidade de visitar e conhecer escolas que também apresentavam deficiências de condições de trabalho e estudo.

Ainda na graduação ministrei aulas em laboratório no projeto *Mais Educação*. Foram cerca de 2 meses, durante os quais me empenhei para ofertar o meu melhor para pessoas que desconheciam a estrutura de um laboratório. Posso dizer que aprendi muito

nesse período, pois tive a chance de compensar as inúmeras vezes que não entrei em laboratório mesmo sendo aluna do curso.

A escolha do mestrado surgiu pelo desejo de aprofundar meus estudos sobre a formação de professores, assim como sobre estratégias para o melhoramento do ensino, e a respeito de quais aspectos estão por trás da construção do conhecimento.

Essa escolha me permitiu conhecer mais por meio das histórias de meus colegas, sobre as dificuldades para exercer a profissão, mas também conheci o lado bom de trabalhar com a educação. Minha mãe já havia passado pelo Instituto de Educação Matemática e Científica, no qual se titulou mestre, e foi através de relatos de suas experiências relacionadas à análise do discurso, que fui me envolvendo cada vez mais pelo curso e todas as possibilidades que este poderia me oferecer.

Na minha condição discente, me permito concluir que através das relações interpessoais e relações culturais fui tendo a oportunidade de inserir-me no contexto educacional, e hoje posso me construir e desconstruir como professora todos os dias. Tendo a compreensão de que nenhum ser é plenamente formado, mas sim sofre transformações com o passar do tempo, e hoje tenho tido o prazer de me constituir a cada dia, como professora.

Concluo este capítulo, considerando que sou a interação de muitos lugares, olhares e discursos, sou Angola, mas também Brasil e Ucrânia, embora a última seja uma parcela singela e nem tão expressiva quanto as outras culturas (angolana e brasileira). Meu ser docente carrega em si essas interações e interage com elas, não sendo passivo de mudanças, pelo contrário, ao longo dos anos vem sofrendo, mutações, refutações, contradições, aceitações, comuns a qualquer sujeito professor. Termino este capítulo apoiando-me nas palavras de Hall (2011, p.75) quando diz:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas- desalojadas- de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente.”

No próximo capítulo conheceremos um pouco de Angola, desde a sua biodiversidade, até a sua história referente ao período de colonização, guerra civil e pós guerra.

2. CONHECENDO ANGOLA E SUA HISTÓRIA

País situado na África e com uma história de lutas em busca da independência e da tão esperada paz, Angola vem se reconstruindo após um longo e duro período de guerras. Até 1975, então colônia portuguesa, foi explorada de todas as formas, desde suas riquezas minerais até a mão de obra. Foram séculos de escravidão, e não bastando isso o país presenciou quatro décadas de guerras, sendo quase três décadas de guerra civil, por conta de diferenças políticas e ideológicas depois de livrar-se do domínio português. A partir do século XVI, a Europa conquista o mundo, a África, a América, coloniza esses continentes e se mostra cruel, exterminadora, escravagista (MORIN, 2013). A República de Angola é um dos mais recentes países independentes da África meridional e integrou um conjunto de territórios que fizeram parte do “colonialismo tardio” praticado por Portugal até meados da década de 1970 (MENEZES, 2000).

Angola está situada na zona subequatorial e tropical do hemisfério sul, sendo localizada no sudoeste do continente africano. O país é banhado pelo oceano Atlântico, fazendo fronteira com a República do Congo, a República Democrática do Congo, a Namíbia e a Zâmbia. Boa parte do território angolano é formado por planaltos superiores a 1000 metros. Em termos de dimensões

Sua superfície total, de formato quadrangular mede 1 246 700 quilômetros quadrados, compreendendo, aproximadamente, a área territorial conjunta de Portugal, Espanha, França, e Inglaterra (ou o Estado brasileiro do Pará). Uma rica parte do território angolano, o enclave de Cabinda, está separada do restante do país por uma faixa estreita de menos de 50 quilômetros (pertencente ao Zaire para seu contato com o mar) e pela foz do rio Congo ou Zaire na fronteira norte do país (MENEZES, 2000, p.92).

O país possui um clima agradável com uma temperatura que varia de 18 a 25 graus centígrados. Luanda é a capital do país, Benguela, Cabinda, Malange, Lubango, Huambo e Namibe são as principais cidades.

Angola possui vegetação tropical, com a presença de savanas, onde são encontradas embondeiros², uma árvore típica encontrada em quase todo o território. Animais de grande porte são vistos pelo país, sendo estes elefantes, hipopótamos, zebras entre outros. Uma espécie muito rara também é encontrada no país a chamada “palanca negra” uma rara espécie de antílope, com berço na província de Malanje. Angola teve dizimada, em anos recentes, sobretudo com a guerra, parcela considerável de seus

² Árvore conhecida no Brasil e registrada no livro “O Pequeno Príncipe” como : baobá.

animais silvestres, restando um reduzido número deles em parques e reservas pouco fiscalizadas (MENEZES, 2000).

O território angolano possui uma vasta gama de recursos naturais, sendo estes: diamantes, algodão, petróleo, ferro entre outros. O solo fértil é propício para a produção agrícola, o plantio de café, cana de açúcar, algodão, mandioca, milho e outros. É possível observar excelentes condições para o desenvolvimento da prática pecuária.

Com a colonização europeia, as fronteiras foram redesenhadas, levando em consideração somente os benefícios para o tráfico de escravos. Com isso tribos rivais tiveram que dividir o mesmo espaço. Sociedades bem desenvolvidas e com uma organização satisfatória foram destruídas, o que até hoje é motivo de conflitos políticos, já que o discurso de múltiplas identidades e a presença de diferentes versões da história sobre os reais “donos” do território e das riquezas naturais nele existentes, são sempre constantes quando são discutidas as distribuições do lucro oriundo das extrações dos minerais. Esse processo de “desconstrução” do território é abordado por Ferreira et al (2008, p. 3):

Devido ao neocolonialismo a África foi dividida em fronteiras artificiais de acordo com os interesses europeus, tribos aliadas foram separadas e tribos inimigas foram unidas. Essa divisão ocorreu em 1884-1885 na Conferência de Berlin que institui normas para a ocupação, onde as potências coloniais negociaram a divisão da África, propondo a não invadir áreas ocupadas por outras potências. No início da I Guerra Mundial, 90% das terras já estavam sob domínio da Europa. A partilha foi feita de maneira arbitrária, não respeitando as características étnicas e culturais de cada povo, o que contribuiu para muitos dos conflitos atuais no continente africano.

Angola esteve em guerra durante quase todo o período compreendido entre o início da revolta armada contra o domínio colonial, em 1961, e o cessar fogo em Abril de 2002 (HODGES, 2002). Como toda guerra, há uma destruição incalculável na sociedade que sofre com o conflito. As consequências permeiam a saúde mental, a estruturação do espaço físico, a educação, a economia e principalmente aspectos culturais, pois a cultura é consumida na sua totalidade, sem que exista nenhuma, e muito menos múltiplas identidades. FANON (1968, p.205) afirma que:

Não é unicamente o bom êxito da luta que dá por suas consequências validade e vigor à cultura. Não há libertação da cultura durante o combate. A própria luta, em seu desenrolar, em seu processo interno, desenvolve as diversas direções da cultura e esboça outras, novas. A luta de libertação não restitui à cultura nacional seu valor e seus contornos antigos. Essa luta que visa uma redistribuição fundamental das relações entre os homens não pode

deixar intactas as formas nem os conteúdos culturais desse povo. Após a luta não há apenas desaparecimento do colonialismo; há também desaparecimento do colonizado.

Os produtos deixados pelo colonialismo não são nem um pouco positivos, proveitosos. O colonizador deixou rastros de violência, intolerância, medo, desrespeito, e entre outros aspectos que embora tenham sido trabalhados antes dos colonizadores, sempre acabam por vir a tona em determinados momentos.

Vale ressaltar que os conflitos que o país presenciou não tem uma ligação direta com os recursos naturais. As suas principais causas foram a natureza do colonialismo português, sobretudo por não ter preparado uma transição estável para independência (HODGES, 2002).

O caminho traçado para alcançar a independência não foi fácil. O país contava com a existência de quatro movimentos nacionalistas que foram responsáveis pelo diálogo direto com Portugal, a saber: MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) e a FLEC (Frente de Libertação do Enclave de Cabinda). Sobre esta, o autor informa, ainda:

Havia ainda um quarto movimento, menor, cujo objetivo era a independência de Cabinda, um enclave rico em petróleo separado do resto de Angola por uma estreita faixa de território que proporcionava à RDC uma saída para o mar. Era a Frente de Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC), constituída em 1963, que depois se dividiu em vários grupos rivais (HODGES, 2002, p. 25).

O grande impasse nesse diálogo surgiu com o diálogo (na verdade, a inexistência desse diálogo) entre esses movimentos, como já conhecemos de outras histórias relacionadas à luta pela independência. O prenúncio foi o afastamento do quarto movimento no denominado diálogo. A ideologia carregada por seus incitadores nem sempre é a mesma, o que provocou o surgimento de uma rivalidade intensa entre os movimentos, o que não trouxe benefício algum para a sociedade. Essa rivalidade trouxe posteriormente, uma guerra civil. Nesse sentido:

Quando começou a transição para a independência, a seguir aos Acordos de Alvor, assinados em Janeiro de 1975 entre Portugal, o MPLA, a FNLA e a UNITA, os movimentos nacionalistas depressa se revelaram incapazes de trabalhar em conjunto. Iniciaram então uma desesperada corrida pela supremacia, antes da data marcada para independência, em Novembro do mesmo ano. Este conflito foi exacerbado pela intervenção externa, motivado não pela concorrência para controlar os recursos naturais de Angola, com

destaque para os petrolíferos, mas sim pelas rivalidades geopolíticas da Guerra Fria e pela determinação do regime racista da África do Sul em impedir o apoio angolano aos nacionalistas da Namíbia, a sul do território angolano (HODGES, 2002, p.26).

Foi possível observar uma intervenção externa expressiva, vinda da África do Sul (apoiando a UNITA), dos Estados Unidos (apoiando clandestinamente a UNITA e a FNLA), União Soviética e Cuba (apoiando o MPLA), o exército zaireense (apoiando o FNLA). No entanto o movimento vitorioso foi o MPLA, que até então controlava uma parcela do país. O movimento em questão proclamou o país como uma República Popular, nomeando assim Antônio Agostinho Neto como seu presidente (Hodges, 2002, p.26). Então

Nos poucos meses que se seguiram, os Cubanos ajudaram o MPLA a ganhar o controle de todo o país. A intervenção norte americana foi suspensa, na sequência da aprovação da Emenda Clark, que impedia o apoio de qualquer uma das facções angolanas (em reflexo do ambiente pós- Vietnã que nessa altura se vivia nos Estados Unidos). Isso desamparou o Governo sul-africano, forçando-o a retirar as suas forças para o Norte da Namíbia em Abril de 1976.

Diferente de outros países africanos colonizados pela França e Grã Bretanha, que foram “preparados” desde 1950 para sua independência, mas com Angola não aconteceu dessa forma, o que causou muitos efeitos negativos sobre o país quando a guerra eclodiu. Grande parte da mão de obra qualificada era formada por portugueses que saíram do país, cerca de 95% dos colonizadores o equivalente a 5% da população. Assim,

Devido ao malogro do regime colonial no investimento na educação dos africanos, esse êxodo significou a perda da grande maioria dos quadros do país e do pessoal tecnicamente qualificado. Milhares de pequenos negócios e propriedades agrícolas foram abandonados, e o país viu-se a braços com uma grande escassez de pessoal qualificado. Conjuntamente, a eclosão da guerra e a saída dos colonos mergulharam Angola numa profunda crise económica de que nunca recuperou inteiramente (HODGES, 2002, p.27).

Com a saída do colono, o novo governo resolveu realizar uma reforma na educação. Mas o ressentimento deixado pelo português foi tão grande, que todo o material didático produzido por eles foi eliminado das escolas. Essa reforma era baseada nos princípios da nacionalização, escolarização gratuita e obrigatória, massificação e uniformidade do ensino, integridade da educação e a ligação escola- comunidade, tendo a alfabetização como prioridade (CANGA, 2007).

Embora esses 5% fossem uma mão de obra qualificada, boa parte dos colonos era analfabeta. Angola não herdou um saber científico considerável, podemos afirmar até que não herdou nenhum saber científico. Visto que o regime do governo português não permitia o desenvolvimento cultural (CANGA, 2007).

Houve um acordo de paz, denominado de Acordos do Bicesse, em Estoril em Maio de 1991. Estes acordos incluíram principalmente o cessar-fogo, mas que não duraria muito tempo, já que com a realização das primeiras eleições quer o MPLA como a UNITA estavam prontos para reivindicar caso os resultados não fossem satisfatórias.

José Eduardo dos Santos (pelo MPLA) e Jonas Savimbi (pela UNITA) disputavam a presidência do país. No entanto nenhum dos candidatos obteve uma maioria absoluta. Foi previsto um segundo turno, mas que nunca ocorreu. E o país se viu mergulhada em mais um período de guerra. Depois de algum tempo:

Pressionada, a UNITA aceitou finalmente os termos de um novo acordo de paz, que estava a ser negociado em Lusaka, na Zâmbia, há mais de um ano. O protocolo de Lusaka, assinado a 20 de Novembro de 1994, baseava-se nos acordos de Bicesse, mas incluía importantes inovações, incluindo disposições para a partilha do Poder, o adiamento de futuras eleições até que fossem postas em prática as medidas militares, a responsabilidade direta da ONU pela fiscalização da aplicação do processo de paz e o envio de uma grande força de manutenção de paz da ONU (HODGES, 2002, p.33).

A UNITA que já não possuía um apoio logístico muito grande por conta do presidente Mobutu do Zaire, atual República Democrática do Congo, não tinha finanças suficientes para se armar. Em contra partida o MPLA na condição de Governo, com os subsídios gerados pelo petróleo, pôde se reestruturar, e organizar as forças armadas.

Considerando que o período de colonização foi cerca de 300 anos, embora haja muitas discussões em torno deste período, que hoje é subdividido em três fases, a saber, da presença colonial, da guerra de resistência e do período colonial. Em todas essas fases o país sofreu do início ao fim, sem gozar de nenhum benefício. É importante frisar isso, pois o colono não investiu no crescimento intelectual do angolano, não o deixando ocupar nenhuma posição de destaque.

A educação não era uma prioridade nos projetos dos colonizadores. Por isso, durante o período de colonização, várias tentativas foram feitas para a implantação das escolas em Angola. No entanto, todas foram abortadas (Santos apud CANGA, 2007).

Essa situação não foi vista somente no caso de Angola, mas também em outros países, segundo Freire (2011, p. 211)

Os colonizados jamais poderiam ser vistos e perfilados pelos colonizadores como povos cultos, capazes, inteligentes, imaginativos, dignos de sua liberdade, produtores de uma linguagem que, por ser linguagem, marcha e muda e cresce histórico-socialmente. Pelo contrário, os colonizados são bárbaros, incultos, ‘a históricos’, até a chegada dos colonizadores que lhes ‘trazem’ a história. Falam dialetos fadados a jamais expressar a ‘verdade da ciência’, ‘os mistérios da transcendência’ e a ‘boniteza do mundo’.

Passados os eventos apresentados nos parágrafos anteriores, hoje a principal análise sobre o país está relacionada aos caminhos que o país tem traçado, para finalmente se organizar e principalmente se reconstruir.

O país é constituído por pessoas oriundas de diferentes tribos, que concordam e discordam de ideias como em qualquer local, mas com uma rivalidade maior (e até desprezo) que se torna acentuada tendo em vista que estas tribos tinham crenças diversas, e viviam de modo oposto, mas por interferências externas tiveram que conviver com suas diferenças. Além disso, temos um esquecimento do ser cognitivo angolano no período de colonização, e como se não bastasse uma falta de senso do próprio governo ao tirar por completo o material já desenvolvido pelos portugueses (o que até então seria útil, para um país que não tinha nada, nem um norte no que se refere à organização educacional).

Conclui-se assim, que a herança deixada pelo colono, aliada à falta de orientação contribuíram para um estrago profundo, mais complexo do que alguns livros didáticos deixam transparecer. Envolve uma diferença gritante na qualidade de vida, na estruturação das escolas, no raciocínio simples para a tomada de decisões. Angola sofreu a ferrenha colonização de 500 anos pelos portugueses. Nesse período os indígenas não tiveram qualquer direito em todas esferas do regime colonial. É como CANGA (2007, p. 24) expõe:

A relação entre colonizadores e colonizados era simplesmente de exploração. Os escravos eram trocados como se fossem mercadoria. Além disso, a educação não era prioridade nos projetos dos colonizadores. Por isso, durante o período de colonização, várias tentativas foram feitas para implantação das escolas em Angola. No entanto, todas foram abortadas.

O longo período de guerra trouxe consigo problemas de ordem educacional, que precisarão de um tempo extenso para serem sanados, e isso só vai acontecer caso os problemas sejam analisados na sua totalidade, já que o período de guerras não foi curto e muito menos pontual, mas sim longo e extremamente complexo em todo o país.

Atualmente, Angola encontra-se na sua Terceira República multipartidária, por conta de três momentos eleitorais que ocorreram no país, tendo sido estes em: 1992, 2008 e, recentemente, 2012. O Programa Nacional de Reforma Educativa já foi implementado.

No próximo capítulo apresentarei os principais eventos que marcaram a história da constituição da Educação Ambiental.

3. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: SUA HISTÓRIA E IMPORTÂNCIA NO ENSINO DE CIÊNCIAS

As produções exacerbadas, o consumo excessivo, foram vistas como as principais características de desenvolvimento, e por conta desse ideário de desenvolvimento, muitos países se doaram ao máximo para investir mais e mais nas indústrias. A revolução Industrial foi um período que marcou a economia mundial.

[...]o grande ideal da modernidade: o progresso ilimitado, construído mediante um processo industrial, produtor de bens de consumo em grande escala, a expensas explorações sistemática da Terra, tida como um baú de recursos, sem espírito e entregue ao bel-prazer do ser humano. Gerou grande riqueza nos países centrais e colonizadores, e imensa desigualdade, pobreza e miséria nas periferias destes países e principalmente nos países colonizados. (BOFF, 2011, p. 41)

A Revolução Industrial (a partir do século XIX) trouxe inúmeros benefícios para o crescimento das indústrias, isso foi possível graças à invenção da máquina a vapor, e do tear mecânico. Essas invenções permitiram o início de uma era de mudanças, e desenvolvimento em parte do mundo, mas também foi o período onde de certa forma a poluição começou a se expandir de modo mais expressivo.

Enquanto alguns países se desenvolviam dominando a natureza na sua totalidade (sem refletir sobre problemas irreversíveis) na Alemanha, especificamente na província da Saxônia, o Capitão Hans Carl Von Carlowitz, deu a palavra “sustentabilidade” um significado mais importante para a sociedade.

Haviam-se criado fornos de mineração que demandavam muito carvão vegetal, extraído da madeira. Florestas eram abatidas para atender esta nova frente de progresso. Foi então que Carlowitz escreveu um verdadeiro tratado na língua científica da época, o latim, sobre a sustentabilidade (nachhaltigwirtschaften: organizar de forma sustentável) das florestas com o título Silvicultura econômica. Propunha enfaticamente o uso sustentável da madeira. (BOFF, 2011, p. 33)

O clamor sobre a preservação e cuidados com o meio teve mais força na década de 60 do século passado, com a publicação do livro “Primavera Silenciosa”, obra escrita por Rachel Carson (bióloga e escritora) em 1962. O título faz alusão aos pássaros mortos por estarem expostos ao DDT, o uso elevado dessa substância química causou o desaparecimento dos pássaros. A utilização de produtos de síntese para combater os insetos, pragas, parasitas e fungos aumentou a produtividade num período em que um

notável crescimento da população mundial o exigia (VILCHES, 2007). A obra de Rachel por sua vez, abordou a necessidade de preocupação com a saúde do ecossistema e com a integridade humana: O livro também abordava a questão de perda de qualidade de vida em várias partes do mundo-pela crescente queda de qualidade ambiental, produzida pela ganância dos lucros a qualquer custo, através da exploração predatória (ZEPPONE, 1999).

Carson é hoje recordada como “mãe do movimento ecologista”, pela enorme influência que teve o seu livro no aparecimento de grupos ativistas que reivindicavam a necessidade da proteção do meio ambiente, assim como estando nas origens do denominado movimento CTS (Vilches et al, 2007 p,422).

O livro “Primavera Silenciosa” foi considerado anos mais tarde (em 2000) pela escola de Jornalismo de Nova York como uma das reportagens investigativas mais expressivas do século XX.

Em 1968 foi criado no Reino Unido o Conselho para Educação Ambiental. Também neste ano foi criado o Clube de Roma, que pesquisa quais os melhores caminhos a seguir para manter um equilíbrio global. É uma organização sem fins lucrativos, tendo como preocupação primordial as crises enfrentadas pelo mundo, o desenvolvimento, a globalização do conceito atual de crescimento, entre outros aspectos, tendo produzido em 1972 o relatório “Os limites do crescimento Econômico”, que discutia cenários para o futuro da humanidade e o planeta.

A década de 70 foi marcada por um controle ambiental maior. Problemas ecológicos tiveram um espaço maior na mídia. Foi nesse período que foram criados alguns programas como a Comissão Econômica Europeia (CEE), o Programa Ambiental das Nações Unidas (UNEP) e foi nesse período também que foi redigido o Relatório da Comissão da Comunidade Européia para a Proteção do Meio Ambiente e do Consumidor.

Estocolmo sediou a Conferência das Nações sobre o Ambiente Humano em 1972, tal conferência gerou a declaração sobre meio ambiente que reconheceu o desenvolvimento da Educação Ambiental como elemento primordial para o combate à crise ambiental no mundo (ZEPPONE, 1999). Deste encontro foi criada a Declaração de Estocolmo, e nesse mesmo ano foi produzido pela ONU o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – PNUMA em Nairobi. Com esses movimentos.

Chegamos a um ponto na História em que devemos moldar nossas ações em todo o mundo, com maior atenção para as consequências ambientais. Através da ignorância ou da indiferença podemos causar danos maciços e irreversíveis ao meio ambiente, do qual nossa vida e bem estar dependem. Por outro lado, através do maior conhecimento e de ações mais sábias, podemos conquistar uma vida melhor para nós e para a posteridade, com um meio ambiente em sintonia com as necessidades e esperanças humanas. (Trechos da Declaração da Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente, 1972)

A Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (WCED) até então era presidida pela Primeira Ministra da Noruega, Harlem Brundtland. foi responsável por elaborar o documento com as 109 recomendações para a concretização das propostas expostas em Estocolmo.

A UNESCO realizou, em 1975, o Encontro Internacional em Educação em Belgrado (Iugoslávia). Neste evento foi produzido o Programa Internacional de Educação Ambiental-PIEA. Vilas-Boas (2002), afirma que o PIEA determinou que: a Educação Ambiental deve ser continuada, interdisciplinar, integrada às diferenças regionais e voltada para os interesses nacionais. Neste mesmo evento foi criada a “Carta de Belgrado” que teve como principais pontos importantes os seguintes itens relacionados à EA:

1. A Educação Ambiental deve considerar o ambiente na sua globalidade natural, criado pelo homem, ecológico político, econômico, tecnológico, social, legislativo, cultural e estético.
2. A Educação Ambiental deve ser um processo contínuo, extensivo à vida inteira, tanto escolar como extraescolar.
3. A Educação Ambiental deve adotar uma abordagem interdisciplinar.
4. A Educação Ambiental deve sublinhar a importância da participação ativa das pessoas na prevenção e na solução dos problemas postos pelo ambiente.
5. A Educação Ambiental deve examinar as principais questões do ambiente numa perspectiva mundial, respeitando, no entanto, as diferenças regionais.
6. A Educação Ambiental deve basear-se *na* situação atual e futura do ambiente.
7. A Educação Ambiental deve examinar as questões de desenvolvimento e de crescimento, do ponto de vista do ambiente.
8. A Educação Ambiental deve insistir na necessidade de uma cooperação local, nacional e internacional para resolver os problemas do ambiente.

A carta de Belgrado é reconhecida como um dos documentos mais importantes produzido nesse período. Esta aborda assuntos que estão relacionados com a poluição, fome, exploração e outros assuntos. O documento propõe uma perspectiva de Educação Ambiental que alcance o mundo todo.

Em 1977 foi realizada a Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental em Tbilisi, evento organizado pela UNESCO. Martinez, *apud* Canga Buza (2011, p. 15) afirma que:

A segunda metade do século XX foi pontuada por uma agenda de reuniões, convenções, programas e protocolos, de âmbito internacional e nacional, dedicados ao estabelecimento de políticas públicas reparadoras e de preservação para o meio ambiente. Este cenário mundial de preocupações e tentativas.

Além desses eventos que marcaram o desenvolvimento da concepção ambiental no cenário político, outros eventos relacionados ao ambiente foram fundamentais para o surgimento da preocupação com o meio ambiente. A revolução industrial, o avanço da ciência são fatores marcantes para a intensificação dos problemas ambientais, e o homem por conta da sua insatisfação modifica constantemente o espaço no qual ocupa. Essas modificações sempre existiram, mas acabam sendo mais profundas pela intensa produção de materiais artificiais que são descartados no meio, demorando muitos anos para desaparecerem.

Com as primeiras civilizações podemos observar uma cultura cheia de técnicas milenares, voltadas para uma melhoria nos trabalhos exercidos naquele momento, assim como projetos traçados nos seus mínimos detalhes e que agrediam o meio ambiente (sem tanta profundidade, como no século XXI). O texto Bíblico que refere ao aspecto histórico da reconstrução de Jerusalém por Neemias, no seu capítulo 2, versículo 8, já demonstra a preocupação com a floresta e a extração de madeira. Temos ainda como exemplo simples, as gravuras feitas nas cavernas, assim como a poluição do ar na antiga Inglaterra. (CANGA BUZA, 2011, p. 14)

A exploração da natureza não é recente, ela por sua vez tem sido modificada ao longo dos anos para a sobrevivência humana, a diferença que precisa ser compreendida, é que o homem extraia da natureza só o necessário, sem o desejo de estocar uma quantidade elevada de matéria para fins lucrativos.

A sociedade antiga geralmente manteve um diálogo permanente com os fluxos da natureza, redundando na naturalidade que perpassava pela totalidade do antigo edifício social e propiciando que as relações de produção mantivessem compromissos com as forças naturais. Neste contexto, uma naturalidade da história se sustentava através de um matrimônio com a historicidade da natureza (WALDMAN, 2010, p. 49)

Este pensamento perdurou por longos anos, o tempo passou e com ele a dinâmica mundial, e principalmente a economia. Após muito tempo o homem não pensava mais só no agora, mas também na possibilidade de acumulação de riquezas para a posteridade, para tal era necessário pensar em formas de lucrar.

Com a consolidação da economia, e um cenário mais capitalista, foram inúmeros os eventos que marcaram o mundo. A explosão das bombas em Hiroshima e Nagasaki foi fundamental para o surgimento de movimentos contra o uso da energia nuclear, pois a humanidade até hoje precisa lidar com as sequelas desse evento. Antes destes acontecimentos, as questões ambientais estavam reduzidas aos filósofos e teólogos, centrando-se, na maioria dos casos, aos assuntos ou temas em torno de Deus e da natureza, com destaque para estudos voltados a explicar os fenômenos da vida (BUZA, 2009).

Muitas catástrofes relacionadas às mudanças climáticas, ou até mesmo relacionadas aos impactos ambientais causados pelo homem foram assistidas no século XX, dentre as quais situa-se o pior acidente nuclear já visto no mundo, o que ocorreu em Chernobyl na Ucrânia. A fragmentação de um dos reatores da central nuclear de Chernobyl foi responsável pelo incêndio, e a forte radiação causou a morte de muitas pessoas e até perturbações de ordem psicológica em grande parte da população atingida.

Passados vinte e cinco anos, em 2011 um novo acidente nuclear ocorre. Dessa vez não por negligência humana, mas por impactos ambientais diferenciados. A cidade de Fukushima, no Japão, foi surpreendida por um terremoto de 8,9 graus na escala Richter e um tsunami, fenômenos que abalaram o país (CANGA BUZA, 2011).

Já em Abril de 2010 a atenção mundial se voltou para o vazamento de petróleo no Golfo do México (Estados Unidos), considerado como um dos maiores da história do país. Ainda relacionado a vazamento de petróleo o país já havia presenciado problema semelhante na região do Alasca em 1989. Nessa ocasião, o incidente foi provocado por um navio da Exxon Mobil, contaminando cerca de 1900 quilômetros do litoral.

A ciência e a tecnologia nos permitem crescer no que tange à resolução dos nossos problemas, por mais que estes problemas sejam sanados por muito tempo, é importante analisar se essas soluções não trarão outros problemas, exemplos não nos faltam relacionados a isso:

No passado, ocorreram centenas de mortes no Iraque, e algumas nos Estados Unidos, em consequência do consumo de pão preparado com sementes de cereais (destinados à agricultura) que tinham sido tratadas com metilmercúrio, como fungicida, a fim de reduzir as perdas devido a ataques de fungos. Na Suécia e Canadá, o emprego do metilmercúrio para tratar sementes levou a redução significativa do número das aves de rapina que consumiam pequenos pássaros e mamíferos que se alimentavam de sementes espalhadas. (Baird, 2002, p. 416)

Creio que o grande atraso para o surgimento dessa preocupação com o meio ambiente está na concepção distorcida do que é realmente o Meio Ambiente. Para muitos a natureza é apenas a floresta, os animais encontrados nela, rios, ou espaços sem a presença do homem. Nesses termos,

Quando falamos em meio ambiente, muito frequentemente essa noção logo evoca as ideias de “natureza”, “vida biológica”, “vida selvagem”, “flora e fauna”. Tal percepção é reafirmada em programas de TV como os tão conhecidos documentários de Jacques Cousteau ou da National Geographic e em tantos outros sobre a vida selvagem que moldaram nosso imaginário acerca da natureza. (CARVALHO, 2008, p.35)

O homem depende da natureza. Preocupação maior neste momento da história é garantir a vitalidade de nossa Mãe Terra. Ela é a base que sustenta nossa vida e tudo o que fazemos na história. Ela pode viver sem nós, mas nós não podemos viver sem ela (BOFF, 2011)

Com toda a tecnologia de que dispõe atualmente, o homem ainda não encontrou um meio de fabricar alimento orgânico em quantidade e qualidade suficientes para alimentar a própria humanidade substituir os produzidos pelo Sol. Continua, pois, dependendo de outros seres vivos e, por conseguinte, de seu meio ambiente natural (BRANCO, 2004, p.16).

A dependência é um aspecto importante e precisa ser compreendida pelo homem para a existência do respeito perante a natureza, considerando que a última é que nos mantém vivos, e mesmo que já estejamos em um grau elevado de desenvolvimento técnico, científico não estamos aptos para fabricar oxigênio, água, substâncias necessárias para a nossa sobrevivência.

Os inúmeros acontecimentos que vemos e ouvimos constantemente nos permitem refletir sobre o mundo e a importância do processo de mudança sobre a concepção ambiental. Refletir sobre o mundo de forma diferenciada, construindo “reforma de pensamento” na sociedade.

Educar os discentes sobre a necessidade de um consumo controlado, buscando viver tendo o cuidado com o meio é de extrema importância para as sociedades de modo

geral. O consumo descontrolado, a compra de produtos facilmente descartáveis vem sendo cada vez mais frequente. Segundo informações documentadas por BOFF (2011, p. 153)

Em 2007, o último ano para o qual se tem dados, a humanidade usava o equivalente a um planeta e meio para suportar atividades humanas. Ou seja, estamos usando em um ano o que a natureza demora um ano e meio para repor. Isso demonstra como o nosso modo de viver é insustentável. Ele torna mais urgente a nossa responsabilidade pelo futuro da Terra e de nosso projeto planetário.

O meio ambiente que consideramos verde, pode não estar tão verde assim. O chão que consideramos fértil pode não estar tão fértil assim por estar seco e até mesmo contaminado por substâncias diferenciadas. [...] um bom exercício para renovar nossa visão do mundo é, às vezes, trocar as lentes, para ver as mesmas paisagens com olhos diferentes. Isso significa “desnaturalizar” os modos de ver que tínhamos como óbvios (CARVALHO, 2008).

Para Silva e Hainard (2005, p. 92)

O ambiente (incluindo aí a biodiversidade) e os riscos que estão ligados a ele apresentam-se claramente como construções sociais, tendo em vista que são produtos de filtros de interpretação pessoal. Com efeito, o ambiente não se restringe apenas a uma definição científica empregada nas ciências naturais ou entre os peritos do risco, mas a uma realidade que cada um pode definir por si mesmo segundo os sistemas de referências que lhe são próprios.

Caso não haja esse desvencilhar dos conceitos relacionados ao meio, será possível observar que a consequência de uma visão predominantemente naturalista-conservacionista é a redução do meio ambiente a apenas uma de suas dimensões, desprezando a riqueza permanente interação entre a natureza e a cultura humana (CARVALHO, 2008)

O ambiente vai além dos aspectos biológicos, existe uma interação muito grande de ordem até cultural, e para que essa compreensão chegue a consciência dos discentes é importante desenvolver atividades que o estimulem a “ler” o meio ambiente. Segundo Carvalho (2008) “ler” o ambiente é apreender um conjunto de relações sociais, e processos naturais captando as dinâmicas de interação entre as dimensões culturais e naturais na configuração de dada realidade socioambiental.

A Educação Ambiental por sua vez, não surge em um meio desfocado dos conceitos naturalistas, mas interage com os conceitos relacionados à natureza. Com o

passar do tempo, contudo, incorpora em suas concepções o caráter socioambiental, levando em consideração a construção do cidadão e o seu modo de interagir com o meio. Na realidade segundo Carvalho (2008) a EA surge em um terreno marcado por uma tradição naturalista. Superar essa marca, mediante a afirmação de uma visão socioambiental, exige um esforço de superação da dicotomia entre natureza e sociedade, para poder ver as relações de interação permanente entre a vida humana social e a vida biológica da natureza.

Nesse sentido não existe homem sem natureza. A natureza por sua vez sofre interferências desse homem que constrói a sua cultura em cima desse meio, ainda dialogando com Carvalho (2008, p. 37), o autor descreve essa visão socioambiental dizendo que:

A visão socioambiental orienta-se por uma racionalidade complexa e interdisciplinar e pensa o meio ambiente não como sinônimo de natureza intocada, mas como um campo de interações entre a cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais, nos quais todos os termos dessa relação se modificam dinâmica e mutuamente. Tal perspectiva considera o meio ambiente como espaço relacional, em que a presença humana, longe de ser percebida como extemporânea, intrusa ou desagregadora (“câncer do planeta”), aparece como um agente que pertence à teia de relações da vida social, natural e cultural e interage com ela.

Atualmente a Educação Ambiental tem uma preocupação maior com a formação não só ecológica, mas também social do indivíduo. Consideremos que a EA, tendo em vista a sustentabilidade, é um processo de aprendizagem permanente baseado no respeito a todas as formas de vida. Tal educação afirma valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a preservação ecológica. Ela estimula a formação de sociedades socialmente justas (SATO, 2003).

O progresso da Ciência traz consigo aspectos positivos, mas também negativos, o desenvolvimento de técnicas que permitem melhorar a dinâmica social, nem sempre levam em consideração a organização da saúde social. Muitas vezes, as pessoas se deixam influenciar pela tecnologia, e o que ela pode oferecer, e esquecem das consequências para o seu real bem estar (saúde mental, corporal) e para o patrimônio ambiental. Esta relação homem, tecnologia e natureza precisa fazer parte da essência humana, para que a sociedade compreenda a sua interdependência. Branco (2004, p. 31) diz que:

O grande problema da civilização moderna, industrial e tecnológica é talvez não ter percebido que ainda depende da natureza, ao menos em termos

globais; que a sua liberação ainda não é total e que, provavelmente, nunca será; que não é possível produzir artificialmente todo o oxigênio necessário à manutenção da composição atual da atmosfera nem toda a matéria orgânica necessária ao próprio consumo; que sem a participação da massa vegetal constituída pelas florestas, savanas e outros sistemas, não é possível manter os ciclos naturais da água de modo a garantir a estabilidade do clima, a constância e a distribuição normal das chuvas e a amenidade da temperatura.

A Educação Ambiental no ensino de Ciências possui uma importância imensa para o auxílio na construção de visão de mundo do aluno. Ensinar o aluno como compreender o espaço em que vive, assim como a necessidade de sua preservação e utilização de modo, sustentável dos recursos naturais e o destino dos resíduos resultantes dos usos pelo homem, é o que auxilia o aluno a observar com outros olhos o espaço em que vive e mudar sua interação com ele.

Segundo Puig apud Neres e Lima (2011, p. 43) a educação moral é fator decisivo na construção das novas atitudes com respeito ao ambiente. Em seus próprios termos:

A educação moral deve ajudar a analisar criticamente a realidade cotidiana e as normas sócio-morais vigentes, de modo que contribua para idealizar formas mais justas e adequadas de convivência. Também pretende aproximar os educandos de condutas e hábitos mais coerentes com os princípios e normas que vão construindo. E finalmente, a educação moral quer formar hábitos de convivência que reforcem valores como justiça, a solidariedade, a cooperação ou o cuidado com os demais.

A educação está intimamente ligada à formação do cidadão. Ser cidadão envolve não só o conhecimento das regras relacionadas à legislação ou outros aspectos sobre o convívio com as pessoas, mas também na preservação do espaço. No ensino primário este aspecto é muito importante já que nesse momento a criança está aberta para receber informações que contribuam para a sua formação cognitiva.

Infelizmente aspectos relacionados à formação do cidadão são discutidos e abordados somente no ensino primário o que acaba sendo prejudicial para o crescimento do indivíduo perante o mundo. Essa situação só traz mais responsabilidade para o professor, que necessita nesse período investir intensamente nas suas aulas, de modo a que um conteúdo mais expressivo sobre aspectos sociais sejam conhecidos pelos alunos. Buza (2009, p.45) define de modo geral a EA, e principalmente a importância dessa vertente educativa para a formação cívica dos alunos, de seguinte modo:

Educação Ambiental apresenta-se como uma ação que visa inculcar na humanidade o cuidado e o sentimento ecológico correto. É necessário que os jovens tenham oportunidade de se educarem ambientalmente. Levando ao povo uma educação ambiental maciça e permanente, e mostrando o abismo pela frente do caminho. Talvez se consiga convencer os empresários, dirigentes e aqueles que elaboram as leis a adotarem posturas mais concretas para a reversão do quadro.

No capítulo a seguir discuto o processo de estruturação deste trabalho, revelando as escolhas referentes aos sujeitos e faço a caracterização das escolas em que os professores investigados lecionam.

4. OS CAMINHOS TRILHADOS PARA A CONSTRUÇÃO DO TRABALHO.

A pesquisa foi realizada em Angola na cidade de Luanda. Escolhi três instituições diferentes de ensino primário. Inicialmente houve o desejo de pesquisar alunos (muitos alunos) e seus professores para que dessa forma tivesse uma visão geral de como a Educação Ambiental vem sendo trabalhada. Contudo, optei por pesquisar os professores por entender que eles são os principais autores da construção da educação no país, e através deles é possível compreender uma parcela do que está sendo realizado no que tange à educação nacional.

As escolas pesquisadas ocupavam espaços diferenciados da cidade, sendo uma da região periférica, outra da região do centro da cidade e a terceira de uma área considerada de classe média. A escolha por esses pontos diferenciados foi feita com o intuito de conhecer de forma geral e descentralizada o modo de ensino de ciências que possuímos na cidade de Luanda.

Sendo a pesquisa caracterizada como de natureza qualitativa, na abordagem narrativa, tivemos a oportunidade de ir além de respostas objetivas, conhecemos de profundo as histórias dos professores pesquisados, estes que possuem em sua trajetória experiências riquíssimas sobre a sua prática docente. A pesquisa narrativa é uma forma de compreender a experiência. É um tipo de colaboração entre pesquisador e participante, ao longo de um tempo, em um lugar ou série de lugares (CONNELY et CLANDININ, 2011)

A docência possui em si inúmeras fases, e o professor tende a reter alguns momentos e esquecer outros. Uma pesquisa que favoreça a reflexão da sua prática permite que o professor se construa com base em seus “erros” e “acertos”. Podem ser práticas que deixaram de ser realizadas no decorrer de suas aulas por motivos diversos e que precisam ser postas na superfície novamente para serem analisadas. A narrativa permite que isso seja feito. Freire (2011, p. 45) descreve, nos seguintes termos, o modo como a memória vai se constituindo em nós:

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma fase,

uma pura frase possivelmente já olvidada por quem a disse. Uma palavra por tanto tempo ensaiada e jamais dita, afogada sempre na inibição, no medo de ser recusado que, implicando a falta de confiança em nós mesmos, significa também a negação do risco.

CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS

A pesquisa foi realizada nas seguintes escolas: Escola Primária nº 2001³ - José Marti, Escola do Ensino Primário nº 2024, Escola Primária nº 2034- Maianga. Contamos com a participação de dois professores de cada escola, especificamente da disciplina de Estudo do Meio (que pode ser considerada como a disciplina de Ciências aqui no Brasil). Estes professores, monodocentes⁴, lecionam no ensino primário, de 1ª Série- 6ª Série.

Por conta do Programa de Reforma Educativa (2004) temos a monodocência sendo exercida no país. Segundo o Relatório Social de Angola (2010, p. 116):

O ensino primário foi também definido como prioritário, em relação aos outros subsistemas, com vista a responder a forte demanda verificada, pois, tendo havido, entre 2002 e 2008, um incremento relativo, no sistema educativo, de 126% (equivalente a uma taxa média anual de crescimento de 14,6%), o ensino primário correspondia (mesmo se os indicadores são distintos nos meios urbanos e rural) a 85,8% do total de alunos matriculados.

Podemos acompanhar essas mudanças através dos quadros a seguir, iniciando com os seguintes níveis de ensino: pré- escolar e o primário.

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	Iniciação Pré- Escolar		
IDADE DE INGRESSO	6 anos		
COMPOSIÇÃO	Creche	Jardim de Infância	Classe de Iniciação

Quadro 1. Sistema de Educação Vigente- Educação Pré- Escolar. 2010. Fonte: CANGA- 2007

³ A escolas em Luanda são nomeadas por números.

⁴ Nomenclatura usada para definir os professores que ministram todas as disciplinas em uma única classe.

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	Ensino Geral Regular Primário					
IDADE DE INGRESSO	6 anos					
DURAÇÃO	6 anos					
COMPOSIÇÃO	1ª Classe	2ª Classe	3ª Classe	4ª Classe	5ª Classe	6ª Classe
NÍVEL DE ESCOLARIDADE	Ensino Geral Primário para Educação de Adultos					
IDADE DE INGRESSO	15 anos					
DURAÇÃO	6 anos					
COMPOSIÇÃO	Alfabetização			Pós- Alfabetização		

Quadro 2. Sistema de Educação Vigente- Ensino Geral: Primário. Fonte: CANGA: 2007

É importante frisar que em Angola, o Ensino Primário é obrigatório e gratuito, sendo o ponto de partida para o ensino sistemático e a base do Ensino Geral, tanto para o ensino sistémico e a base do ensino Geral, tanto para o ensino Regular, como para o ensino de adultos (ANGOLA, 2010)

Além de realizar alterações no ensino primário, o Programa de Reforma Educativa, também definiu que:

Um ensino secundário 6 ou 7 anos, estruturado em dois ciclos: o 1º Ciclo composto por três classes (7ª, 8ª, 9ª classes) a ser completado em três anos letivos. O 2º Ciclo, composto por três ou quatro classes, conforme se trate do ensino geral (10ª, 11ª, 12ª classes) a ser completado em três anos letivos, ou do ensino técnico e normal (10ª, 11ª, 12ª e 13ª) a ser completado em quatro anos letivo (ANGOLA, 2010, p.122)

A seguir, apresento quadros com informações que caracterizam as escolas estudadas que serviram de cenário da pesquisa. O Quadro 3 mostra o número de alunos aprovados e reprovados, em cada uma das escolas, no ano de 2011

ESCOLA	MATRICULADOS		APROVADOS		REPROVADOS	
	N	%	N	%	N	%
2001- José Martí	1224	100	1018	83,17	206	16,83
2024- Maianga	837	100	715	85,42	122	14,58
2034	940	100	675	71,80	265	28,20

Quadro3. Número de alunos matriculados, aprovados e reprovados– Ano letivo: 2012. Fonte: Secretaria da Escola.

Embora os índices de reprovação não sejam tão elevados, percebemos um número significativo de alunos reprovados, por diversas causas, mas que não foram apresentadas pela direção pedagógica. No que diz respeito a quantidade de estudantes, posso adiantar que somente a escola 2034 possui uma estrutura adequada para comportar o número de discentes que frequentam as aulas.

No quadro abaixo é possível observar o número de docentes e o respectivo nível acadêmico nas escolas: 2001- José Martí e 2034. A escola 2024- Maianga não me forneceu os dados sobre os seus professores.

ESCOLA	Ensino Médio	Bacharelado	Licenciatura ou +
2034	6	7	1
2001- José Martí	28	2	1

Quadro4.. Formação acadêmica dos professores- Ano Letivo: 2012.Fonte: Secretaria da Escola.

Nota-se uma quantidade menor de docentes que obtêm o ensino superior pois este nível de ensino é um tanto recente, tomando espaço a pouco tempo.

O ensino superior em Angola é recente. Foi fundado como estudos gerais universitários, em 1963 e a Universidade de Luanda criada em 1968. A Universidade de Angola que tinha, no período colonial, três núcleos, Luanda (com os cursos de Medicina, Economia, Engenharia e Ciências Exatas), Huambo (Agronomia e Veterinária) e Lubango (com Letras) foi transformado em Universidade Agostinho Neto, depois da independência, e ganhou mais uma escola (Arquitetura) uma Faculdade de Direito e a Faculdade de Letras foi transformada em Instituto de Ciências da Educação (ISCED).

Por ter existido apenas uma única universidade no período de 1975 à 2010 em Angola, e aliada ao fato da formação de professores ser realizada apenas em algumas províncias⁵ sendo estas: Huambo, Uila, Uige, Luanda, Benguela e Cabinda são fatores que explicam o pequeno número de docentes com a graduação.

A Escola 2034 encontra-se em uma área chamada de “Projeto Nova Vida” cujo espaço foi visado para a expansão da cidade e onde é possível encontrar muitos prédios, canteiros de obras. Além das construções, o bairro tem na sua localização o único Shopping da cidade. A instituição educacional está em um ponto estratégico desse

⁵ Províncias: estados.

bairro, à qual os alunos tem fácil acesso já que as ruas são pavimentadas e existe um fluxo de circulação de táxis e vans por perto.

O colégio não é tão grande, possui 940 alunos, mas tem um aproveitamento muito bom do espaço, embora falhe com respeito à área de lazer dos alunos, uma vez que não possui uma quadra para a realização de atividades físicas. As salas de aula são grandes, o que permite que os alunos tenham certo conforto para estudar.

Com relação à segurança, logo na entrada da escola fui recebida por um porteiro. Pelos corredores da escola encontrei uma faxineira. O espaço externo da escola estava bem limpo, não vi acúmulo de lixo nos corredores. No momento das entrevistas fui encaminhada até a sala dos professores, o que achei muito bom, porque entendo que é importante haver um espaço para que o professor descanse e tenha oportunidade de trocar experiências relacionadas à escola sobre outras questões com os seus colegas de profissão.

Na escola 2001-José Martí, me deparei com um colégio que se encontra no centro da cidade, grande, com 1224 alunos, mas que não é nem um pouco seguro. Não fui recebida por porteiro, e nem encontrei um portão que trouxesse alguma segurança para o espaço. Tratando-se de uma escola grande (mesmo que não fosse) é de extrema importância que haja um esquema de segurança para a proteção dos alunos e não só deles, mas também dos professores e demais servidores, afinal de contas a escola está situada em uma área de muita movimentação, onde também tem um nível elevado de marginais.

O colégio possui uma quadra, mas está em péssimas condições. O ambiente contava com a presença de muito lixo, salas desarrumadas, algumas com péssima iluminação, outras muito abafadas. Nos corredores vi muitos cartazes, e dizeres sobre cidadania. Ao realizar a pesquisa, tive que aguardar em um espaço que seria uma sala de espera. Não conversei com os professores no que seria a sala dos professores, mas sim em um espaço aberto, onde conflitei com os gritos das brincadeiras das crianças no momento do recreio.

A instituição educacional 2024- Maianga situa-se em uma área periférica, próximo aos aeroportos nacional e internacional. É uma escola com um espaço bem restrito. Foi uma realidade bem dura de ver.

As salas eram abafadas, o espaço era muito apertado, as paredes muito sujas e um cheiro fétido nos corredores. Além disso, vi carteiras quebradas, não encontrei nenhum espaço de lazer e muito menos uma quadra para a realização de atividades esportivas. Em contrapartida vi uma diretoria limpa, com um piso de lajotas, ar condicionado e televisão, a sala estava devidamente pintada, não era um espaço grande, mas era muito bem organizado.

Entrevistei os professores a partir de um roteiro previamente elaborado, contendo seis questões sobre a sua prática docente. A entrevista era semiestruturada permitindo que os sujeitos tivessem a liberdade de expor as suas experiências, fazendo relações que bem entendessem. Obtive respostas diversas por conta da vivência em sala de aula. Durante a entrevista, foram feitas perguntas visando explicitação e esclarecimentos necessários para a realização do trabalho.

As perguntas estavam relacionadas com os seguintes propósitos: a escolha pela docência; o compromisso com a educação; a interferência de problemas sociais em sala; como ocorrem as aulas, como os professores gostariam que elas fossem; a questão ambiental em sala de aula; a melhor aula de ciências do entrevistado.

CARACTERIZAÇÃO DOS PROFESSORES, SUJEITOS DA PESQUISA

Os professores pesquisados são referidos nesta dissertação com nomes fictícios, nomes esses que estão relacionados com o contexto da linguagem materna de Angola que não é a portuguesa, mas sim os conhecidos dialetos. Assim sendo, pesquisamos os seguintes professores:

Prof.^a Ndongo, formada em Psicologia da Educação, formação superior. Leciona há 10 anos.

Prof.^a Nzinga, formada em Instrução Primária, formação em nível médio. Leciona há 10 anos.

Prof. Luzolo, bacharel em História, o professor fez o bacharelado mais tarde, mas por ter feito o ensino médio relacionado a ciências exatas torna-se apto para lecionar no ensino fundamental. Leciona há 10 anos.

Prof.^a Zola, formada em antropologia, e por ter feito o ensino médio voltado para ciências exatas torna-se apta para lecionar a nível fundamental. A professora leciona há 22 anos.

Prof.^a Muxima, formada em Instrução Primária, em nível médio. Leciona há 3 anos.

Prof.^a Matondo, formada em pedagogia, nível superior. A docente leciona há 20 anos.

Nos próximos parágrafos apresentarei a educação a partir da visão de professores que a cada dia vivem experiências diversas, e precisam transpor inúmeros obstáculos relacionados aos problemas sociais enfrentados pelos docentes.

5. A DOCÊNCIA RELATADA: IDEIAS, SABERES E PRÁTICAS

Nesta seção, apresento os resultados obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com os professores no intervalo de suas aulas nas escolas em que estes lecionam. Esta seção está organizada pelas subseções: “Razões para a escolha da profissão docente” na qual apresento os motivos que moveram os professores investigados a entrarem na docência; “Desafios docentes no contexto angolano” na qual analiso experiências vivenciadas pelos professores, relacionadas à escolha pelo magistério, o nível social dos seus alunos, e as dificuldades vividas por seus discentes no que tange à fome, e à ausência dos pais na formação dos alunos; “Realidades e desejos: como são as aulas e como gostariam que fossem” está relacionada à prática docente dos professores investigados; E por fim, em “A questão ambiental em sala” analiso a fala dos professores sobre a inserção da temática ambiental em aula.

RAZÕES PARA A ESCOLHA DA PROFISSÃO DOCENTE

Dentre os grandes problemas enfrentados pelos países subdesenvolvidos (principalmente os que ainda estão se reestruturando após um longo período de guerra) temos a ausência da liberdade de escolha que fala muito alto no discurso de seus cidadãos. Escrever sobre isso nesta seção significa escrever sobre o processo de desenvolvimento do país e as estratégias vistas pelo governo para auxiliar nesta reconstrução. O ensino em Angola foi marcado pela necessidade de mudança rápida e eficaz em detrimento do cenário de pós guerra que o país havia enfrentado.

Falar sobre os desafios enfrentados pelos professores para construir o ensino não perpassa apenas as questões de infraestrutura física e didática, mas vai ao encontro das frustrações individuais dos professores, afinal o sentimento de privação é um problema que precisa ser digerido pelo profissional todos os dias e que interfere na sua constituição. Em diálogo com os educadores entrevistados pude ver nitidamente como o mercado de trabalho limitado em Angola impactou famílias no que tange à liberdade de escolha da profissão.

Os docentes por mim pesquisados têm diferentes experiências relacionadas à prática docente e à formação acadêmica. Essas trajetórias de vida é que nos permitem analisar

quem são os professores de Ciências e como eles vêm se constituindo. A formação, as experiências individuais, e o cenário político-social em que estes professores estão é que vão nortear o desenvolvimento de aulas relacionadas ao Meio Ambiente, ou até mesmo a compreensão sobre a necessidade da abordagem da Educação Ambiental em sala.

Pude, por meio desta pesquisa narrativa, “dar” voz a esses sujeitos que portam em si experiências de vida marcadas pela dor de serem subjugados até algum tempo atrás, pela dor da perda, das separações, da falta de opções, mas, também pela esperança de uma vida melhor.

Por meio das entrevistas realizadas, ouvi a história de pessoas até então desconhecidas para mim, mas que permitiram que eu adentrasse em suas memórias. Registrando o depoimento da professora Ndongo, que leciona há 10 anos, e tem como formação inicial Psicologia da Educação, pude abrir meus olhos para realidade parcial dos professores em Angola, com relação, principalmente, à escolha de sua profissão. Quando questionada sobre como foi o processo da escolha para ser professora, um tanto tímida, porém incisiva relatou que:

A questão não foi escolher, a questão foi onde foi fácil entrar, a facilidade. Porque no princípio não pensava nada em ser professora, queria ser mesmo advogada, mas devido às circunstâncias da vida não foi permitido. (Ndongo; entrev, 2012)

A manifestação de Ndongo, dizendo que “a questão não foi escolher, a questão foi onde foi fácil entrar, a facilidade” revela dificuldades de acesso a outras profissões, como ela mesma revela, ao dizer: “queria ser mesmo advogada, mas devido as circunstâncias da vida não foi permitido”. A referência ao termo “permissão” é algo que me intriga nessa fala, sabemos que o livre arbítrio move o mundo e, portanto, deveria mover todos os cenários sociais.

Tratando-se da escolha de uma profissão que marca a vida de alguém, seja de modo positivo ou negativo, observar que para estes docentes não foi possível escolher outro trabalho por contingências sociais é chocante. Torna-se necessário desta forma refletir em como certas sociedades minimizam o crescimento das pessoas e até a construção do seu bem estar em prol da sua estruturação.

O que mais me inquieta, é observar essa situação em outras falas, não foi um “privilégio” da professora Ndongo. Além dela, outros professores também expuseram que a falta de opção influenciou muito na escolha da profissão, pude verificar isto no relato da Profª Zola, que leciona há 3 anos e que também afirmou que ingressou na carreira “Por falta de opção”. No cenário angolano que temos contato, infelizmente há os que sentem prazer no exercício de sua profissão há os que exercem a profissão por obrigação. Por alguma razão, muitos desses professores se identificaram com a profissão. Como o professor Luzolo Bacharel em História e lecionando há 10 anos, que se expressa nos seguintes termos:

Essa profissão, se é, não [foi] bem [uma] opção de início. Foi por ser o emprego que apareceu. Mas ao longo do tempo foi se criando paixão. E estamos aqui a trabalhar, porque afinal de contas o futuro, é preciso que seja feito e preparado pelos homens. E os homens somos nós que estamos aqui trabalhando com as crianças, que posteriormente poderão [nos] substituir e terão reponsabilidade. (Luzolo; entrev, 2012).

Ele carrega em si um senso de responsabilidade, que pode ser destacada em seu relato “porque, afinal de contas, o futuro é preciso que seja feito e preparado pelos homens”, aceitar que essa é uma responsabilidade de todos, é permitir que a educação exerça a sua real função, a de transformar mentes e, por conseguinte, sociedades. Creio que o professor Luzolo se identificaria com as palavras de Freire:

Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática boniteza que dela some se não cuidado do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, senão luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado corre o risco de se amofinar e de já não ser testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste. (FREIRE, p. 100, 2011)

Mesmo que a docência não tenha sido a sua escolha no começo da sua vida profissional, Luzolo se apaixonou pelo magistério. Parece perceber a “boniteza” da profissão, ao se referir a sua própria responsabilidade em construir o futuro, ao dizer “somos nós que estamos aqui trabalhando com as crianças, que posteriormente poderão [nos] substituir e terão responsabilidade”. O trabalho educativo exige esta totalidade dos indivíduos nele envolvidos. Além de competências técnicas, requer paixão, vontade política, envolve sentidos, emoções, sentimentos e intuições. (AZEVEDO, 2003)

Mesmo tendo ingressado no curso sem possibilidade de fazer escolhas, o professor Luzolo criou afeto intenso – paixão - pela docência. Ele se identifica com a profissão, cujo processo identitário é “um processo único e complexo, como diz Canga (2007, p.73), no excerto a seguir”.

Como eterno aprendiz, a cada dia vou descobrindo que sou uma parte importante nessa sociedade. Portanto, preciso buscar caminhos que me respaldem diante da sociedade e a auto afirmação diante da responsabilidade assumida. Sendo o processo identitário, um processo único e complexo, busco me apropriar do sentido da minha história do meu contexto pessoal para fazer diferente. Proponho-me o desafio de cuidar da aprendizagem e não de dar aula.

Luzolo, portanto, se afirma diante da “responsabilidade assumida” como professor, mesmo que inicialmente tenha sido sua única opção de trabalho. Como dizem Hargreaves; Nixon, (apud CONTRERAS, 2002), [...] o desejo de um bom ensino, ou sentir-se compromissado com certos valores e aspirações educativas, como a indignação e a repulsa ante situações de ensino reprováveis, é a demonstração de que o compromisso moral é também um impulso emotivo, um sentimento e inclusive uma paixão.

Os relatos por mim registrados foram importantes para a compreensão parcial do que de fato aconteceu na vida desses professores. É possível ver esse processo de construção também na fala da Prof^a Muxima, que trabalha como professora há 20 anos, e se refere à sua opção profissional do seguinte modo: “Escolhi ser professora, comecei a fazer o curso primeiro, antes não era professora, mas comecei a estudar, gostei do curso. E então optei.”. Esta fala mostra com clareza como a professora iniciou o seu momento de formação, como ela encarava a realidade de ser educadora. A partir do relato podemos constatar que só houve uma empatia por essa profissão após vivenciar a vida acadêmica

Este discurso está presente também na fala da Prof^a Matondo, que leciona há 22 anos. A docente afirma que: *Não tinha opção na altura, primeiro não tinha opção depois passei a gostar, porque trabalhar com crianças é muito bom. A pessoa aprende, transmite e recebe.* Na realidade ensinar, é um eterno aprender. Enganoso é pensar que ensinar se resume a transmitir conhecimento, na realidade ninguém transmite conhecimento.

Vale ressaltar que o professor é um ser inacabado, que por sua vez é moldado conforme convive com os seus alunos e as realidades de mundo que estes trazem de casa. Como diz Freire (2011, p. 111)

Se na verdade o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com ele. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele.

Diferente dos demais depoimentos encontrei um discurso de alguém que desejou ser professor desde sempre. De todos os professores pesquisados apenas a Prof^a Nzinga, professora há 3 anos, aparentou ter escolhido essa profissão desde o início, pois assim se refere: “Porque eu gosto de lidar com crianças.” Para o ensino, principalmente primário, é um tanto óbvio que os professores tenham consciência da necessidade da existência de um afeto pelas crianças com as quais terão contato, e quando alguém faz essa escolha, entendo que precisa mesmo ter muito clara sua afinidade em trabalhar com elas.

Não houve uma pesquisa de modo geral com todos os docentes desse país, mas me preocupa pensar de que nem todos tenham construído na sua docência a partir desse afeto, pois, como disse, compreendo ser necessária uma relação de afeto positivo com os alunos. Concordo com Freire (2011), quando diz que não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. Afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade.

Na subseção a seguir é possível ver um pouco sobre esses problemas vividos pelos alunos e que precisam ser enfrentados não só pelos discentes mas também pelos professores, já que os problemas pessoais dos alunos acabam interferindo no ensino-aprendizagem.

DESAFIOS DOCENTES NO CONTEXTO ANGOLANO

Quando decidi realizar esta pesquisa, quis conhecer quais os principais problemas evidenciados pelos professores angolanos para que a prática docente deles não tivesse o progresso desejado. Posso dizer que não foi difícil encontrar essas respostas, pois a maioria alegou que problemas como a má alimentação, ou a ausência

de apoio familiar são os principais entraves para o processo de ensino e de aprendizagem. A professora Ndongo expõe esses problemas nos seguintes termos:

O que influencia na aprendizagem deles é que muitas saem de casa sem o pequeno mata bicho¹, vêm para escola sem mata bichar⁶, e então, eles chegam, e, no princípio da aula tudo muito bem, mas depois passando o segundo tempo a criança já tem fome, já quer comer e muitos deles não trazem lanche. Isso quer dizer que tem fraca participação dos pais, da comunidade (Ndongo; entrev, 2012).

Para que o ensino seja desenvolvido de modo eficaz precisa contar com inúmeros fatores, desde o diálogo entre escola e os responsáveis pelas crianças, até a alimentação desses discentes. Referindo-nos especificamente à má alimentação, é importante estar atento a esse aspecto, já que essa má alimentação interfere não bastante no crescimento do aluno, e vale ressaltar que:

Nos primeiros anos de vida, é importante que a criança seja estimulada a desenvolver suas potencialidades. É neste período que uma alimentação equilibrada e sadia se faz necessária, sendo um dos diversos componentes para preparar uma base sólida para crescimento e desenvolvimento satisfatórios, pois a nutrição é fator essencial aos seres humanos de forma global. Nessa perspectiva, torna-se necessário estabelecer relações diretas a respeito dos agravos que podem comprometer o desenvolvimento físico, social, afetivo e psicomotor de uma criança quando vivencia a falta do alimento ou possui uma alimentação inadequada (FROTA et al, p. 278, 2009).

O aluno não vai produzir se as faculdades mentais não estiverem bem, e muito menos se as condições físicas não estiverem boas. Mesmo que o professor saiba da condição do discente, o primeiro acaba por encontrar-se de mãos atadas por não poder exigir muito do aluno, que por não comer nada de manhã, não tem condições de trabalhar nas atividades desenvolvidas pelo professor.

É de extrema importância atentar que os fatores sociais são tão amplos e exercem, de fato, tantas influências diretas e indiretas na aprendizagem, que a escola e o professor devem ter particular atenção a este fator, procurando não transformar diferenças em desigualdades, motivação em desinteresse, mas sim estimular um relacionamento positivo e enriquecedor (FERREIRA, 2005)

⁶ Mata- bicho: café da manhã

Questões como a má alimentação foram evidentes na maioria dos discursos. É possível ver que não é só isso, como, também, a falta de um meio de transporte e a ausência de material escolar são aspectos que interferem na construção da vida acadêmica dos discentes. No entanto, prefiro dar espaço para que o Prof^o Luzolo, que convive com estes problemas, expresse as suas experiências relacionadas a isso.

As dificuldades maiores, que eles... e por aquilo que temos constatado, há quem por exemplo vem sem a merenda, há quem tem dificuldade para trazer os materiais necessários, se é que tem sido dados, mas depois acabam por deixar perder, e a deslocação de casa para escola tem sido fator de muitos atrasos, que nós temos compreendido isso, porque temos que entender que há crianças que vêm a pé, na sua maioria vêm a pé. Então temos que compreender, devido vários fatores que interferem nesse aspecto social (Luzolo; entrev, 2012).

Antes de pensarmos que o professor é um mero transmissor de conteúdos devemos compreender que este exerce um papel importante na criação do cidadão e não só, por lidar com pessoas diferentes com experiências de vida opostas precisam por sua vez estar abertos para ouvir os seus alunos. Essa preocupação com o sofrimento do aluno, e principalmente compreensão referentes a dificuldades vivenciadas pelos discentes, é expressa por Freire (2011, p. 141) nos seguintes termos:

Lido com gente, e não com coisas. E porque lido com gente, não posso por mais que inclusive me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna. Desde que não prejudique o tempo normal da docência, não posso fechar-me a seu sofrimento ou a sua inquietação por que não sou terapeuta ou assistente social. Mas sou gente. O que não posso, por uma questão de ética e de respeito profissional, é pretender passar por terapeuta. Não posso negar a minha condição de gente de que se alonga, pela minha abertura humana, uma certa dimensão terapêutica.

Embora a afetividade não venha a cessar a fome, ela deve ser vista em sala antes mesmo do professor diagnosticar que o aluno tem fome, o docente precisa tê-la como forma primordial para compreensão dos problemas do aluno. Se o professor não se importa, com o aluno, ele se quer vai se preocupar se o discente está com fome, cansado, sonolento, ou qualquer outra condição que surja. Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor, o que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora (FREIRE, 2011)

Antes mesmo de exercer o ato de escutar os seus discentes por ser professor, o docente precisa exercer este gesto de afetividade pelo simples fato de ser *gente*. Esse exercício é necessário e indispensável para a construção de uma sociedade melhor, para a melhoria do ensino e da aprendizagem, e, principalmente, para o estreitamento das relações interpessoais dentro da sala de aula. Baseando-me nesta perspectiva, concordo com Ferreira (2005, p. 158), quando diz:

A comunicação entre as pessoas é fundamental em todos os fenômenos descritos. É um processo complexo que pode ser analisado em várias vertentes. Pode ser centrada no receptor, quando esta se orienta para o aluno ou para o doente, por exemplo, ou quando se conta uma anedota para divertir o outro. Mas também pode ser centrada no emissor, quando há a necessidade de contar algo sobre a sua vida, ou quando se faz uma crítica ou uma justificação

Quando lidamos com países periféricos com profundos problemas sociais, é possível observar muitos problemas na instituição familiar. São famílias sustentadas apenas pelas mães, ou pelas avós. Em algumas situações, podemos ver casos de famílias onde o número de filhos é tão elevado que estes precisam ajudar de algum modo para sustentar a casa. Este cenário é visto em muitas famílias angolanas, e por este motivo torna-se cada vez mais difícil conseguir um diálogo aberto entre pais e escola, e a responsabilidade da escola no que tange à educação cívica do aluno acaba sendo maior. Nessa mesma linha Rocha e Macêdo (2002, p. 23) afirmam que:

É possível dizer que cada família possui uma identidade própria, trata-se na verdade, como afirmam vários autores, de um agrupamento humano em constante evolução, constituído com o intuito básico de prover a subsistência de seus integrantes e protegê-los. Estão presentes dessa maneira, sentimentos pertinentes ao cotidiano de qualquer agrupamento como amor, ódio, ciúme, inveja, entre outros. Em relação às expectativas da família com relação à escola com seus filhos encontram-se várias fantasias familiares como o desejo de que a instituição escolar “eduque” o filho naquilo que a família não se julga capaz [...]e que ele seja preparado para obter êxito profissional e financeiro via de regra ingressando em uma boa universidade.

Difícilmente, a educação terá contribuições positivas na vida do aluno, se a escola e os pais não “falarem a mesma língua”. Essa influência da vida dos alunos fora da escola dentro da sala de aula não pode ser vista com olhar de desprezo. Problemas relacionados à vida dos alunos fora da escola são enfrentados pela Prof^a Nzinga, quando se refere à relação entre a condição social dos alunos e a educação. Ela se expressa do seguinte modo:

Eh, a condição social dos meus alunos interfere na aprendizagem e como! Há crianças que vivem em determinado meio e quando vêm para a escola querem acarretar aquilo que tem no seu determinado meio para a escola. Às vezes quando trazem coisas negativas, não é muito bom. O professor tem que estar atento a esses tipos de aspecto para cortar, para ensinar o aluno que, do jeito que você se comporta no seu bairro, no seu meio, não é do mesmo jeito que você vai se comportar na escola, se na rua fazes alguma determinada coisa e não tem ninguém para te repreender isto é uma escola, a professora está aqui para te auxiliar (Nzinga; entrev, 2012).

Sejam estes conhecimentos relevantes, ou até mesmo as suas experiências más, o fato é que os alunos não chegam à escola vazios, só esperando receber algo novo do professor. Eles chegam à escola cheios de experiências, sendo necessário estar atento a essa dura realidade. Seguindo as ideias de Freire (2011, p. 31):

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes[com] que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela- saberes socialmente construídos na prática comunitária, mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.

Conhecer o contexto onde a escola se encontra e a estruturação familiar dos alunos é importante, para que o professor saiba lidar com os inúmeros conflitos vivenciados por seus discentes. Vale ressaltar que mesmo não sendo mais considerado “o pior país para se ser criança”, não foram muitos os progressos registrados, no domínio da família e da condição da criança (ANGOLA, 2010). Logo, com isto a professora Nzinga vive e convive com diferentes estudantes, mas estes muitas vezes ainda lidam com os mesmos problemas. Nesse caso é importante se indagar sobre algumas situações, como por exemplo: Porque não estabelecer uma “intimidade”, entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE, 2011)

A ideia de compromisso com a comunidade chama a atenção para o fato de que o próprio exercício da função de professor é um exercício público, que não pode responder ao exclusivo desejo ou definição construídos sobre as pretensões educativas dos profissionais, à margem da comunidade e seus interesses e valores (CONTRERAS, 2012)

No contexto angolano, os professores vivem diariamente a difícil missão de escutar, entender, amparar os seus alunos, já que:

Com o fim da guerra e a não realização económica das famílias, a pobreza das famílias, a pobreza crescente e a falta de mecanismos ideais de proteção, milhares de crianças vivem “arrastadas” e “marginalizadas” condenadas à dor, traumas e tortura praticada na maior parte das vezes, por membros da sua família que deveria, ser os seus protetores e promotores de carinho, atenção e apoio ao crescimento e desenvolvimento. (ANGOLA, 2010, p. 156)

A ausência da figura paterna e materna, na criação das crianças traz inúmeras preocupações para os professores. Com isto, nos indagamos sobre o procedimento a ser tomado, caso surjam esses problemas com os alunos: A quem devemos recorrer? Quem são os responsáveis pelas crianças na Escola? Mesmo que o professor esteja cheio de boas intenções, nem sempre este terá um retorno imediato sobre a preocupação dos pais de seus alunos.

No contexto atual, os pais precisam se dedicar ao máximo para o trabalho, por conta das próprias condições sociais adversas em que vivem, deixando com que a vida escolar dos seus filhos não seja tão assistida como deveria. Com isso, o professor deixa de ocupar o seu espaço somente na escola e começa a entrar na casa dos seus alunos, procurando desvendar as dificuldades mais profundas dos seus discentes dentro de casa, para tentar compreender o porquê do baixo rendimento escolar. Atualmente, a falta de tempo é um dos fatores que afastam as famílias da escola nas cidades. E na área rural, é a distância. No entanto, essa realidade não pode servir de desculpa para a falta de contato. (OLIVEIRA, 2009)

A professora Zola fala um pouco sobre a interferência da vida social dos alunos com relação a sua aprendizagem desses alunos. Ela se expressa nos seguintes termos:

Há uma interferência, principalmente no apoio dos pais. A nossa sociedade está muito mudada, os pais saem de manhã muito cedo, deixam as crianças sozinhas, e só voltam de noite. Então as crianças estão muito carentes, muito mesmo, isso dificulta muito o nosso trabalho, porque muitas vezes elas vêm sem comer, vem com a roupa suja, a bata suja. Então dificulta mesmo muito o nosso trabalho. E aquele amor também, o amor do pai, porque eles chegam aqui encontram a professora que dá atenção e carinho, vão para casa e ficam sozinhos, e então, nosso trabalho fica muito difícil. (Zola; entrev, 2012)

Atualmente a sociedade vem se modificando, essas alterações são vistas principalmente na instituição familiar, o que amplia os conflitos e problemas na sociedade em sua totalidade. Para autores como Morin (2013, p. 150):

A desintegração da família, a marginalização, a guetização, a ausência de um Supereu cívico nas mentes, tudo isso suscita novas causas de miséria contra as quais lutam as novas gerações, organizadas em gangues, por meio de uma economia do roubo e da droga que, eventualmente, lhes permite sustentar a família. É a dissolução dos laços entre famílias, gerações, vizinhos que gera a solidão atroz dos velhos abandonados e a perdição dos jovens. A precariedade existencial, a dependência, o abandono, as rejeições são piores produtos de nossa civilização (que por outro lado, tem suas virtudes); esses produtos estão em vias de universalização, mas felizmente, ainda encontram forte resistência cultural no resto do mundo.

Os problemas relacionados à marginalização são muito comuns nas grandes cidades, e muitas vezes têm raízes profundas dentro das famílias desestruturadas. Sanar estes problemas torna-se difícil pelo modo como estes estão sedimentados no seio familiar. Como Morin expõe em sua fala, as deficiências relacionadas ao abandono, à rejeição, a dependência, são os produtos presentes em inúmeras sociedades.

Angola, apesar de proclamar, repetidas vezes, quer a sua especial atenção para com a família, o que levou inclusive à criação de um ministério governamental, onde a prioridade é a criança, não são muitos os progressos registrados, nesse domínio. (ANGOLA, 2010)

Para professores experientes como Muxima, estes problemas são completamente transponíveis. Por já conviver com o ambiente escolar há muito tempo, a docente entende as fragilidades, e como educar alunos de baixa renda é complicado. Ela se refere a essa problemática, afirmando que:

Realmente, às vezes é um pouco complicado, mas nós como já lidamos com a profissão, eu, por exemplo, que já lido com a profissão há muitos anos, eu sei lidar com todos eles. Há alunos que têm muita carência realmente, e às vezes não é nada fácil. Então temos que saber dominar todas as situações, há alguns que têm mais condições e outros não. Então a situação é essa. (Muxima; entrev, 2012)

Um trabalho individual pode surtir alguns efeitos na comunidade em que a escola está inserida, mas se a escola de modo geral, souber qual o seu real papel na sociedade ela pode trazer muitas transformações não apenas de ordem individual, mas também coletiva.

A instituição educacional não precisa ser vista como autoritária e ditadora de regras, mas sim como acolhedora e auxiliadora para a resolução de problemas. Posso acrescentar aqui a fala de PIANA (2009, p. 202) que diz:

A escola carece da definição de um papel e de sua identidade no contexto social, político e histórico. E essa construção depende de um movimento interno, ou seja, do interesse das pessoas envolvidas em construir a identidade da escola e conseqüentemente a construção da identidade dos seus educadores e o grau de conhecimento da escola.

A escola não deve ser vista como uma instituição que influencia a sociedade, a sua identidade, mas como instituição transformadora precisa ser constantemente vista e ouvida pelos professores e também pela comunidade na qual esta escola se encontra.

Os desafios enfrentados pelos professores são enormes mas ainda assim, estes são incansáveis e compreendem qual o seu real dever como educadores. Entendendo que ensinar vai além dos conteúdos, ensinar está relacionado às relações interpessoais, socioculturais, políticas e até mesmo econômicas. A responsabilidade do educar implica numa tarefa política já que o preceito a ser cumprido é a formação do cidadão (OLIVEIRA, 2009).

“Educar, ensinar. É uma área muito bonita” é a manifestação da professora Ndongo sobre o seu compromisso com a educação. No início da sua vida acadêmica esta docente desejava ser advogada, mas como não teve oportunidade de escolher a sua profissão ingressou no magistério. Mesmo tendo enfrentado essa situação é possível notar o afeto, o amor pela docência.

Podemos observar este mesmo sentimento na fala da Profª Zola, “Ensinar bem os alunos, porque é uma grande alegria, quando o aluno está na sala e a professora manda ler uma coisa e ele sem dificuldade lê. Esse é o meu maior desafio.” O resultado do esforço despendido pelo docente poderá ser visto de imediato ou a longo prazo, no entanto, independente do tempo, são esses resultados que muitas vezes motivam os professores a prosseguirem no ensino.

Amor, paciência e dedicação são primordiais para a atuação em qualquer profissão e com a educação não deve ser diferente. Um professor que compreende o seu papel em sala, e entende a necessidade de reflexão sobre os problemas aí enfrentados, contribui para a construção de um ambiente escolar melhor. É preciso que o professor confie e acredite na capacidade do aluno. Nesse sentido,

Elogios, incentivos e limites, quando transmitidos de forma sincera e afetiva, levam a criança a valorizar sua auto-estima, desenvolver sua autonomia e ter progresso no mundo da leitura e escrita. Nos dias em que vivemos, é pouco provável que a instituição familiar se torne consciente da importância do seu papel. A tendência é que este seja ignorado cada vez mais. Com base nessa constatação, caberá à escola assumir a responsabilidade da família. (Behenk&Schneider, 2004, p. 26)

Por se tratar de uma sociedade deficiente em muitos pontos, muitos professores criam uma preocupação por seus alunos, similar ao amor maternal. Ter clareza de que os alunos muitas vezes não comem nada antes de chegarem à escola, ou não fazem sua devida higiene cria no professor um cuidado por esses alunos, que ultrapassa os limites escolares. Como diz a Professora Muxima:

Como professora é uma grande responsabilidade, eles são alunos, são filhos. É uma grande responsabilidade, porque nós temos essa responsabilidade de educar, além de gostarmos da profissão temos que gostar deles. É aquela responsabilidade que tenho, porque tenho crianças que tenho que ensinar. Então é uma grande responsabilidade. E eu tenho essa responsabilidade. Encaro mesmo isso com muita importância. (Muxima; entrev, 2012)

Considerando a fala de Paquay *et al* (2001) em nossa relação com o outro ou com o social temos uma relação extremamente afetiva na qual somos ofuscados por aquilo que somos; não somos descomprometidos com isso. É possível observar isto na fala de Matondo, que afirma “*Eu tenho que saber educar, não só instruir como educar. É uma responsabilidade muito séria e às vezes temos tido muitas dificuldades, porque lidar com criança não é fácil*”. Mesmo com todas as dificuldades vivenciadas por Matondo a professora não se deixa influenciar. De forma inconsciente concorda com Freire (2002, p. 53)

E o que dizer, mas, sobretudo, o que esperar de mim, se, como professor não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem ao educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa na verdade que porque professor me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa na verdade que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la

Considerando o contexto angolano, o modo pelo qual os seus docentes se encontraram com o magistério e as experiências vividas por seus alunos, é louvável

perceber o empenho destes docentes para instruir de forma eficaz os seus alunos mesmo com tantos desafios e empecilhos que surgem diariamente e precisam ser enfrentados. Estes professores não só ensinam o conteúdo, mas ensinam para a vida.

O professor por sua vez precisa ser diariamente um ser social, tendo a capacidade de “olhar mais adiante que o horizonte de seu nariz... e que os muros de sua escola!”. Tendo consciência de que a escola é permeada de conflitos de valor. É também estar convencido de que se pode agir com base em decisões globais, excluindo, assim, as opções políticas (PAQUAY et WAGNER, 2001).

Na subseção a seguir apresento os relatos dos professores referentes ao desenvolvimento de suas aulas e as aspirações relacionadas ao modo como estes gostariam que fossem as suas aulas.

REALIDADES E DESEJOS: COMO SÃO AS AULAS DE CIÊNCIAS E COMO GOSTARIAM QUE FOSSEM

Com a realização desta pesquisa, tivemos o desejo de ouvir os professores dando oportunidade a que estes contassem como são as suas aulas, o motivo para que sejam realizadas do jeito que são desenvolvidas e quais mudanças gostariam que fossem feitas para a melhoria do ensino-aprendizagem. Com essa reflexão da prática os professores puderam trazer à superfície os motivos que os levam a ensinar do modo que ensinam.

O fato de serem ouvidos por meio da pesquisa narrativa possibilitou aos professores investigados o mergulho no contexto educacional dos educadores pesquisados, e, assim, desenvolvi um diálogo aberto sobre as condições das aulas ministradas. Os participantes entram no campo de pesquisa relatando histórias. Suas vidas não começam no dia que chegamos, nem terminam quando partimos (CONNELY et CLANDININ, 2011)

As aulas de Ciências em Angola são denominadas como Estudo do Meio. Nessa disciplina, os alunos estudam os fenômenos físicos, biológicos e químicos. Ndongo nos relata sobre como são as suas aulas.

As minhas aulas do estudo do meio eu desenvolvo através de cartazes, figuras, livros às vezes o próprio professor também tem que ir ante o quadro. Planifico a minha aula e depois de planificar as minhas aulas acrescento. Através de figuras feitas com cartolinas, no quadro, gravuras do livro (Ndongo; entrev. 2012)

O desenvolvimento de aulas com materiais simples é o possível para esses professores. No entanto, pode acontecer de forma eficaz, caso o professor saiba usar de criatividade. A observação do espaço e o compartilhamento das experiências de vida permitem dinâmica no ensino. Considero de extrema importância a realização de aulas que prendam a atenção do aluno ao que está sendo ministrado em sala de aula.

Vale ressaltar que quanto mais simples são esses instrumentos didáticos, mais criativo o professor necessita ser. Considerando as palavras de NEVES-PEREIRA (1996), a educação precisa direcionar seu olhar para o futuro, exercitando a imaginação e a fantasia de seus alunos na tentativa de solucionar problemas ou situações que novos tempos sempre trazem. Não pode permanecer sentada, confortavelmente, na cadeira do conformismo e da mediocridade.

No decorrer da pesquisa, especificamente no questionamento sobre os recursos didáticos, foi possível notar uma listagem de recursos bem limitada, diferente do que a professora almeja para a sua prática, como é possível ler em seus relatos. Quando esta é perguntada sobre o que gostaria que mudasse, a professora diz:

O que eu queria que mudasse? Eu queria que... tinha que ter mais jardins, por exemplo ao falar de plantas, conhecer o tipo de plantas. A criança é limitada, não vai saber como se chama uma trepadeira, onde vamos encontrar uma trepadeira, um feijoeiro, então isso tinha que ser mais ... Criar saídas com as crianças. Visitar campos, visitar fábricas, por exemplo: se estivermos falando de fábrica, visitar, uma fábrica de plásticos ver como se trabalha o plástico, se estivermos falando de plásticos. (Ndongo; entrev, 2012)

Esses são os desejos da professora Ndongo para a melhoria em suas aulas. Esta visão nos faz concluir que a professora sonha com dias melhores. Apesar das limitações a docente percebe receptividade dos discentes relacionadas à prática docente atual da professora. Apesar das circunstâncias, a professora afirma que *todas as aulas de EM são boas, e dizer qual foi a melhor é um pouco difícil, porque na minha ótica todas são*

boas, desde que eu alcance meus objetivos e os alunos participam das aulas é sempre boa (Ndongo; entrev, 2012).

A participação e o cumprimento de uma meta estabelecida são consideradas como fator de análise do progresso das suas aulas. A professora demonstra autoconfiança, e se doa ao máximo por suas aulas, tanto que para ela, todas as aulas são boas.

O ensino, em qualquer nível escolar, precisa ser atrativo para motivar os discentes. Em um ensino mecânico e pouco maleável, o aluno tem pouco espaço para imaginar, idealizar ou visualizar de fato a realidade dentro do conteúdo desenvolvido em sala. Observando a fala de Neves-Pereira (1996), podemos considerar que a escola transforma-se em um lugar chato onde toda e qualquer atividade recebe o rótulo de “obrigatório e pouco interessante”.

Ndongo relembra um passeio que realizou com alunos:

Sáímos uma vez, quando tínhamos, na altura, jardins na escola, que saímos para visitar, depois da obra feita, não quero mencionar o nome da empresa, estragaram o jardim então ali ficou tudo modificado, não tem jardim. Falar de plantas é um pouco limitado, então temos que pedir os alunos trazerem as plantas de casa para fazer o estudo das plantas (Ndongo; entrev, 2012).

O conformismo pela ausência de espaços ou instrumentos mais sofisticados não pode ocupar espaço na prática do professor. Pelo contrário, o docente precisa extrair do seu contexto escolar estratégias que permitam estruturar uma aula criativa e interessante para os alunos. Seguindo o pensamento de Neves- Pereira (1996, p. 3)

O aluno não é atendido em suas demandas, recebendo apenas suporte para o desenvolvimento de parte de seu potencial cognitivo. Como resultado final, obtemos recursos humanos não explorados e mal utilizados, manutenção de metodologias ineficazes e não apropriadas aos novos tempos assim como desinteresse generalizado por parte de alunos e pais.

Analisando as falas dos docentes, foi um tanto difícil perceber variações nas práticas desenvolvidas em sala de aula, nos seus recursos didáticos para ser mais objetiva. Matondo, por exemplo: *gravuras, as vezes uso meios próprios. Como posso dizer?! Objetos reais.*

Não percebi o desenvolvimento de recursos didáticos mais criativos, que é primordial nessa fase do ensino, justamente para aguçar os sentidos como a visão e o tato, as gravuras por si só são importantes e é bom saber que são utilizadas, mas é importante existir uma variação nessa prática.

O professor precisa buscar em si o seu lado criativo para que o aluno perceba o empenho e sua dedicação, relacionada a essa prática. O professor que deixa de explorar as suas habilidades, deixa de contribuir para o conhecimento do seu aluno de forma mais eficaz. Como expõe Neves-Pereira (1996, p. 5)

Somos todos criativos, somos todos capazes de produzir, construir, inventar novos objetos, coisas, ideias, ações, revoluções. Temos o poder de produzir elementos e conhecimentos novos, nascemos dotados deste potencial e se, ao longo de nossas vidas, "perdemos" essa capacidade, certamente isso ocorre como consequência de fatores externos, e, portanto passíveis de recuperação. É por essa razão que a criatividade apresenta-se como elemento indispensável na prática educacional. Surge como uma possibilidade de resgatarmos habilidades humanas preciosas que permitirão ampliarmos nossos conhecimentos como espécie. Se desenvolvermos nossas habilidades criativas somos capazes de lidar com o futuro e suas incertezas, tornamo-nos aptos a criar novas formas de adaptação às novas demandas sociais e naturais, transformamo-nos, todos, em produtores de saber, em solucionadores de problemas.

Sim, somos todos criativos, e essa criatividade torna-se uma estratégia educativa principalmente para professores que trabalham em áreas precárias. O professor que não dispõe de recursos didáticos, precisa improvisar e se valer de materiais disponíveis no cotidiano, tanto em termos domésticos quanto da natureza.

Quando não há a possibilidade de explorar estes recursos didáticos como gostaríamos, outros instrumentos podem auxiliar para aprimorar a prática docente, sendo estes a contextualização e a interdisciplinaridade.

Com relação às melhorias desejadas por Matondo, diz que:

Com mais meios de ensino, porque em EM nós, por exemplo, falamos do sistema urinário, falamos do sistema respiratório, falamos agora do HIV. Como nós deveríamos ter meios, ou materiais para poder especificar, só falar não dá. Podemos até ilustrar com gravuras, mais isso não chega. Ele tem que saber a realidade. Muitas vezes em EM nós trabalhamos com as crianças ao ar livre, pelo menos quando falamos das plantas, trabalho ao ar livre (Matondo; entrev, 2012).

Abordar assuntos relacionados ao cotidiano do aluno é tão importante, que o professor Luzolo afirmou que sua melhor aula foi quando abordou o assunto referente ao HIV. O professor expôs que:

Acho que a melhor aula, não diria assim, bem, bem. Me lembro quando falei sobre do fenómeno SIDA/HIV que hoje existe, uma das aulas que também consta no EA, considerei ter sido bem dada, é o sistema reprodutor, em que meninos e meninas que não participam, neste dia foram participativos. Isso me dá a entender que essa aula foi bem recebida pelos alunos. Então, quando alguém fala pouco e participa, acho que houve condições necessárias que motivou para que pudessem participar (Luzolo; entrev, 2012).

A AIDS, conhecida em Angola como SIDA, é um dos problemas públicos mais discutidos na África, tanto na mídia, quanto nas escolas e até mesmo no convívio familiar, o que o torna um assunto de conhecimento geral dos alunos. Estes por sua vez, por já possuírem um conhecimento prévio sobre o assunto, sentem-se mais aptos para opinar sobre ele, como o professor mesmo disse, até os alunos que não falam habitualmente em aula se manifestaram.

Essa motivação para participar da discussão em sala de aula está relacionada com o contexto dos alunos, eles falam sobre isso, eles possuem um conhecimento mesmo que para uns seja mínimo sobre o assunto. Nem sempre os alunos percebem o valor dos trabalhos escolares pois, muitas vezes, não conseguem compreender a relação existente entre a aprendizagem e uma aspiração de valor para a sua vida. O que faz com que eles não se envolvam no trabalho. (MORAES; VARELA, 2007)

O assunto abordado por Matondo pode ter sido desenvolvido sem material didático. No entanto, o fato de ser um assunto presente na realidade dos alunos para Luzolo (que também desenvolveu esse assunto em sala) teve uma boa receptividade pelos estudantes. Vale ressaltar aqui, que muitos professores não têm a possibilidade de introduzir instrumento em sala, e acabam limitando-se ao que é ofertado pelo governo (livros).

Aos professores que participam de inúmeras discussões sobre a prática docente, esperamos a compreensão de que para se desenvolver uma boa aula, não é necessário ter

em mãos instrumentos sofisticados, mas sim usar da criatividade, explorar o mundo no qual o aluno está inserido e trazer para a sala de aula esse mundo de modo que o mesmo sirva de suporte para o planejamento das aulas.

Apoiando-me no pensamento de Neves-Pereira (1996), a escola não pode dispensar a criatividade como parte componente de seu currículo. Se a pretensão é formar indivíduos para o agora e para o futuro, precisa-se considerar a importância de desenvolver as habilidades criativas de seus alunos para que possam adaptar-se e solucionar as questões e problemas trazidos pelo progresso social, científico e tecnológico.

Sobre essas condições de ensino a professora Muxima expõe sua opinião: *A minha melhor aula foi de esqueleto humano, eu gosto dessa aula, primeira aula, falar dos órgãos, falar do corpo.* Embora possua pouco material, a professora não desiste, para tal utiliza o que possui ao seu redor. Podemos considerar essa aula boa, porque foi a partir do seu recurso didático que os alunos compreenderam esse momento impar. A docente explica que só considerou esta aula dessa forma: porque primeiro que, mesmo para as crianças é um grande despertar. Porque é falar do corpo dos órgãos, é uma aula bonita, o corpo está dividido em X membros e tal. E pra eles é uma aula fácil. Os alunos facilitam logo, temos as mãos, os braços, os membros superiores, inferiores.

Zola expôs a sua visão sobre as suas aulas, e o fato de dizer que têm sido “pouco benéficas” denuncia desânimo. A preocupação maior aqui deve ser com o conformismo da docente. Afinal, para ela a falta de recursos é que tem deixado o ensino que ela desenvolve em sala de aula ser pouco benéfico, com base na fala da docente me questiono sobre quais os posicionamentos assumidos por Zola para mudar essa realidade.

Outras perguntas podem ser destacadas dessa fala tais como: quais os quesitos vêm sendo utilizados pela professora para considerar que suas aulas são pouco benéficas? Pelo fato de não obter os materiais que gostaria de ter em mãos? Os recursos são importantes, com certeza, mas percebo um auto desmerecimento do trabalho que a professora realiza em sala.

Quando questionada sobre o que gostaria que mudasse nessas aulas temos a seguinte resposta:

A coisa que eu gostaria é que a escola tivesse um transporte, para que em certos temas nós fossemos ao campo com os alunos, para eles pegarem mesmo, verem mesmo com seus próprios olhos, eu acho que aí puxaria mais por eles. Porque o tema planta, nós damos uma volta na escola, habitação também, como aqui tem uma vista, que dá para ver algumas casas também conseguimos mais ou menos, e há uns também que vivem em prédios e sabem a diferença entre os prédios e as vivendas. Agora, o tema de transporte, aviação seria mesmo bom que se nós fossemos nessa área, explorar mais, conversar mais, para eles verem não só a professora ali na frente e ilustrar, seria bom eles irem mesmo lá.

Nesse discurso, vemos que a professora tem uma proposta didática importante em mãos, o passeio. Mesmo sendo na própria escola esse instrumento didático é de grande valia, e isso contribui, sim, para que o aluno amplie seus horizontes sobre o que está ao seu redor.

Talvez a ausência de um ônibus para explorar outros espaços como a professora citou e outros aparatos, acabem causando certo desânimo e até o desenvolvimento de uma “cegueira” sobre os possíveis benefícios que as atividades realizadas em sala (mesmo com todas as limitações) podem trazer.

A professora Muxima desenvolve suas aulas de outro modo, esta por sua vez diz: *As minhas aulas de EM eu baseio mais na própria lição, às vezes fala do meio ambiente, às vezes fala da poluição, das árvores. Por exemplo, das árvores, baseio mais no que fala a lição.*

Fugir dos conteúdos programados que são ensinados em sala de aula não faz parte do perfil de Muxima. Pelo contrário, o que observamos em sua fala, é o conformismo com o assunto sugerido, não existindo autonomia por parte da docente no que tange à escolha dos conteúdos ou até no modo de desenvolvimento de suas aulas. O profissional é autônomo não só na medida em que é capaz de auto-regular sua ação, mas também na medida em que pode orientar seu próprio aprendizado através da análise crítica de suas práticas e dos resultados destas (PAQUAY et WAGNER, 2001)

Mais que ensinar, torna-se de extrema importância indagar-se constantemente sobre o que se ensina, indagar-se sobre como ensinar, e qual o real aproveitamento do que está sendo ensinado em sala aos alunos no contexto em que estes vivem.

Inspirando-me na fala de Freire (2011), vejo que a responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática, eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza.

Sobre as mudanças desejadas para a sala de aula Muxima compartilha que: *Eu gostaria que fosse, é que os livros hoje não vêm tão expressivos, poderiam ser mais coloridos. Às vezes temos que puxar por nós mesmos.*

Não é de hoje que o trabalho docente vem sendo realizado praticamente de forma solitária em inúmeros países subdesenvolvidos, por conta da ausência de recursos didáticos e investimentos, infelizmente cabe ao professor assumir a sua responsabilidade de realizar suas aulas com os recursos que têm em mão.

Pelo que relata, a professora limita muito as suas aulas ao levar em consideração só os livros. Estes auxiliam bastante para que o aluno possa ler com calma o que foi trabalhado em sala, porém tratando-se do ensino primário, em diálogo com estes livros é necessário ter também atividades dinâmicas, que possam contribuir para a construção cognitiva do discente.

Não considero desnecessário o uso de imagens nas aulas de Ciências, até porque concordo com MARTINS et al (2012, p.150) de que:

A ciência cria e se apropria das tecnologias para a produção de imagens, de modo particular o ensino de Ciência também. Somos estimulados a apresentar no cotidiano de nossas salas de aula imagens de revistas, de jornais, as imagens em movimento dos vídeos educativos e até mesmo nossos desenhos, habilmente colocados no quadro de giz, que tomam parte desse universo de imagens no ensino. Com essa prática objetivamos apresentar aos alunos um universo por vezes desconhecido ou inacessível à observação imediata e, economizando explicações, acreditamos nas imagens como um eficaz recurso de aprendizagem.

Levando em consideração o que foi exposto no parágrafo anterior, é importante frisar que antes mesmo de se desenvolver uma aula, é de extrema importância que o professor saiba situar em que área está a sua matéria, como os assuntos são evidenciados no cotidiano do aluno. Nzinga possui essa compreensão sobre a sua disciplina, e apresenta a sua opinião sobre isto da seguinte forma:

As minhas aulas do EM, eu desenvolvo de que forma? O estudo do meio é para estudar o meio, a comunidade. Como é para estudar a comunidade, eu, por mim, desenvolvo dentro da sala, mas normalmente sempre trago um meio de ensino. Quando já é com

alguma coisa que eles já lidam muito, não é necessário, o professor fala e puxa mais dele, espera que eles digam qualquer coisa (Nzinga; entrev, 2012).

Escutar o aluno, e deixar que o mesmo apresente seu conhecimento (adquirido fora da escola) em sala de aula, permite que o discente tenha confiança para expor o seu ponto de vista e construa a sua criticidade. O professor tem o papel de moldar esse conhecimento. Esse exercício é para alguns professores uma perda de tempo, já que acreditam que o professor é detentor de toda a verdade e que o aluno não sabe nada, e tem como obrigação ouvir e reter as informações apresentadas pelo professor.

Sobre as mudanças desejadas pela docente temos a seguinte resposta:

Eu gostaria que as minhas aulas de EM, que a escola tivesse plantas, uma espécie de jardim, porque estudo do meio, falamos mais de plantas animais, habitação. Habitação é até fácil. Quando é habitação é só pegar os meninos para fora e mostrar como são as casas, a nossa escola deveria ser maior, com um jardim maior que a professora quando estiver falando das plantas, mostrar o que é o caule, a folha, o fruto, isso é raiz. Para a criança conhecer mesmo, em casa a criança pode até ver as plantas, mas não sabe as partes da planta.

Ao ler este discurso me questiono sobre o que falta para que a professora Nzinga, juntamente com os seus colegas que também lecionam na mesma escola, façam um jardim? Ou para que comecem uma pequena horta? Já que para a realização da mesma não é necessário possuir materiais sofisticados e de difícil acesso pois há materiais disponíveis na própria comunidade.

Alguns professores se apropriam tanto do discurso da impossibilidade e dos problemas e acabam esquecendo de agir sobre esses problemas e achar soluções efetivas. Mas considero isso um reflexo da prática pedagógica estressante que esses professores precisam enfrentar. O estresse, a falta de tempo, o desânimo entre outros aspectos, acabam interferindo na prática docente desses educadores. Segundo Rezende e Sancevero (2011, p.6),

A profissão docente é uma ocupação profissional ambivalente. O ensino pode ser prazeroso e proporcionar satisfação pessoal, se ministrado com motivação e intenção de fazer a diferença na vida dos discentes transformando-se numa prática de auto-realização profissional, pois na educação é possível dar à

vida que pela suas mãos passam. Na prática docente os sentimentos se confundem, ora causam bem-estar, em outros momentos o mal-estar.

O meio onde a escola está inserida é algo importante a ser analisado, principalmente no que tange ao currículo estruturado nas escolas. A sociedade angolana está se desenvolvendo aos poucos, e a ementa deve ser elaborada tendo isso como ponto norteador, para o que será desenvolvido em sala de aula. Buscar assuntos fora do contexto dos alunos não favorece a sua aprendizagem. Isso contribui para que o aluno não crie interesse sobre o assunto abordado em sala de aula. É possível notar este problema na fala do professor Luzolo. Com relação ao que desejaria mudar na sua prática, ele diz:

Faço de acordo com o tema a ser abordado, esse tema imaginemos que, por exemplo, vamos falar de uma atividade econômica, aqui praticamente não se exercem atividades agrícolas. Se fosse por exemplo em uma área onde se faz essa prática, seria mais aconselhado levar os meninos para um contato prático da mesma atividade de forma que viessem auxiliar a prática e a teoria que tenham que dar (Luzolo; entrev, 2012)

Por estar localizada em uma zona urbana, a escola em questão não tem a prática agrícola nesse meio, no entanto tem outras coisas como: shopping, restaurantes, o que também está relacionado com a economia, e sobre a produção agrícola é só procurar em jornais, e reportagens que falam sobre isso. Embora sendo uma sociedade em desenvolvimento, as mídias tem um espaço bem representado.

É possível compreender que o currículo apresentado limite a prática docente. O educador se deixa influenciar, e não permite introduzir em sala de aula o que o aluno realmente precisa ouvir, sobre o ser cidadão, sobre a sociedade (violência, cultura, economia). Segundo Silva (2011, p. 10)

Um currículo bem planejado decide a melhor oferta cultural que o sistema educacional possa apresentar aos alunos dando prioridade às necessidades existentes. O currículo e seu conteúdo é uma medida historicamente criada dentro de uma sociedade cultural, política, social e escolar, cheio de valores e pressupostos que ainda precisam ser decifrados, devido aos conflitos entre os interesses de uma sociedade e os valores que dominam e regulam os processos educativos.

Ensinar não é uma tarefa fácil. O ensino vai se modificando de acordo com a sociedade, a cultura, a historicidade, não existe uma fórmula que possa ser usada em

várias escolas obtendo, assim, a mesma compreensão do assunto estudado, o mesmo êxito. Podemos compreender o currículo como porção da cultura- em termos de conteúdos e práticas (de ensino e aprendizagem, de avaliação etc.) (VEIGA-NETO, 2004). O currículo deve ser estruturado de acordo com o contexto, vale ressaltar que o currículo ajuda a manter uma organização do conteúdo, no entanto o professor não deve manter-se preso a este.

Para Moraes e Varela (2007, p 10) essa dificuldade relacionada à prática, tem uma solução, desde que o currículo respeite o contexto em que será desenvolvido, e não só atente para a os recursos que possibilitem a desenvolvimento das aulas. A Prof^a Matondo também tem um desejo de estruturar uma boa aula, com recursos didáticos melhores do que dispõe, no entanto isto não é possível no momento. Então, a professora vai se adequando ao que tem em mãos, para ela mesmo com as limitações a sua melhor aula foi: *Falar do sistema urinário, foi a minha melhor e não só, o corpo humano. A estrutura interna do corpo humano*. Perguntei se os alunos participaram da aula e ela afirmou: *Sim, participaram porque ali falando do corpo humanos usamos a própria criança, fizemos o estudo do corpo através da própria criança*. Esta é a melhor forma de motivar o aluno, apresentado para ele o objeto. .

Já a professora Zola possui no próprio espaço escolar instrumentos que permitem que a realização de sua aula seja mais proveitosa. Assim se refere:

Das plantas, as partes que constituem as plantas. Porque ao redor da escola tem plantas, nós podemos sair podemos ver, tiramos mesmo uma das plantas, pedi mesmo para tirar com a raiz para eles poderem ver, fui falando, demonstrando. Foi uma aula benéfica.

Almejar melhores condições de estudo não é o suficiente quando se quer realizar uma aula, o docente precisa se entregar e se esforçar ao máximo para contribuir com as mudanças desejadas.



Imagem 1. Horta feita em uma escola de Luanda. FONTE: CANGA BUZA.

As aulas da professora Zola com certeza tornam-se mais atrativas quando os alunos têm a oportunidade de ver, tocar e analisar as plantas. Isso é o que deve ser feito quando não se tem investimentos elevados, o professor precisa a partir do que tem realizar as suas aulas, e não se acomodar esperando que uma terceira pessoa invista em suas aulas. A professora relata que a melhor aula dela foi: *Das plantas, as partes que constituem as plantas. Porque ao redor da escola tem plantas, nós podemos sair podemos ver, tiramos mesmo uma das plantas, pedi mesmo para tirar mesmo com a raiz para eles poderem ver, fui falando, demonstrando. Foi uma aula benéfica.*

Na próxima seção vamos abordar a questão ambiental e como esta é trabalhada (se trabalhada) em sala de aula pelos professores, vamos falar sobre as dificuldades dessa inserção, o apoio da escola, e as possíveis concepções sobre este assunto trazidas pelos alunos para a sala.

A QUESTÃO AMBIENTAL EM AULA

O interessante em abordar o aspecto ambiental dentro dessa pesquisa, é que me foi permitido não só compreender o esforço feito pelos professores para abordar esta temática em sala de aula, mas também observar a compreensão dos professores sobre necessidade de abordar um assunto relacionado ao cuidado com o meio ambiente. Essa análise só foi possível através da observação dos espaços escolares.

Escrever sobre um país em vias de desenvolvimento é falar sobre suas deficiências, suas lutas e sobre suas aspirações para um futuro incerto. Diferente dos

países desenvolvidos, Angola procura crescer buscando sanar as enormes feridas deixadas por seu longo período de exploração, e guerra. A Educação Ambiental mesmo sendo vista por uma minoria como importante para a saúde coletiva ainda não é evidenciada no extenso território nacional, muito menos na sua capital.

Sabe-se que o ambiente é algo relativo e que se modifica com a cultura de cada país, assim como a história de Angola. Esta por sua vez possui os seus espaços naturais, mas, também a marca das transformações exercidas pelo homem. A natureza perpassa a cultura, a política e a história, os cuidados com os atores sociais que a compõem divergem de local para local. No entanto, a sua significação deve ser vista de modo semelhante, sendo o ambiente fruto do natural e do artificial, nos seguintes termos:

Assim, o ambiente é também o objeto de uma construção social, na qual participam especialmente as representações coletivas dos seres humanos, com prioridade para aquelas dos atores e tomadores de decisões políticas, mas certamente também para aquelas e aqueles que intervêm mais modestamente com seus comportamentos e suas práticas de consumo cotidianas. (HAINARD; SILVA, 2005, p.68)

Esse entendimento deve ser transmitido desde cedo, para que o discente ainda pequeno comece a internalizar as inúmeras significações sobre o meio ambiente, e não cresça com a visão limitada e naturalista que tanto é disseminada não só nas mídias, mas também em algumas instituições educacionais. O desafio da educação ambiental é sair da ingenuidade e do conservadorismo (biológico e político) a que se viu confinada e propor alternativas sociais, considerando a complexidade das relações humanas e ambientais (REIGOTA, 2010)

O ambiente é diferenciado e sofre alterações de acordo com os fatores sociais. De acordo com Leff (2006), o pensamento ambiental elaborou princípios conceituais, políticos e éticos que sustentam uma teoria alternativa do desenvolvimento, que incorpora os potenciais da natureza e os valores da democracia participativa a novos esquemas de organização social.

Com o crescimento cada vez maior da tecnologia e a construção de um novo modo de vida, a EA torna-se importante, porque presenciamos um período em que tudo é descartável, onde não nos apegamos às coisas por um longo período, ao contrário, adquirimos o vício do querer o novo, que possui uma velocidade maior, um espaço

maior para armazenamento de dados, algo compacto, complexo e com aplicativos inovadores, assim vem caminhando a humanidade, na busca constante da praticidade.

Com o passar do tempo, observa-se que a felicidade e a qualidade de vida têm sido cada vez mais associadas, reduzidas e dependentes da quantidade de consumo, provocando um ciclo de super trabalho para manter um superconsumo ostentatório, que reduz o tempo dedicado ao lazer e às demais atividades e relações sociais (PORTILHO, 2005)

A EA permite trabalharmos o desenvolvimento, alicerçado na sustentabilidade. A educação visando ao desenvolvimento sustentado se fundamenta principalmente nos aspectos socioéticos e não nos produtivos e econômicos, sendo que estes dois últimos são subordinados aos dois primeiros (REIGOTA, 2010)

O discurso ambientalista aponta para um conjunto de mudanças institucionais e sociais necessárias para conter os efeitos ecodestrutivos da racionalidade econômica e assegurar um desenvolvimento sustentável (LEFF, 2006). Esse novo cenário me leva a refletir sobre o ambiente, e os conflitos gerados neste por conta da conjuntura atual. Silva e Hainard (2005, p.31) expõe seus pensamentos explicando que:

Podemos imaginar também porque o avanço tecnológico, hoje mais ainda que antes, é uma faca de dois gumes, muitos dos problemas mais graves que enfrentamos atualmente estão ligados ao desenvolvimento de tecnologias cada vez mais vorazes de energia, que desprezam as leis naturais, e ameaçam a sobrevivência de várias espécies, inclusive a humana.

A tecnologia não é o único fator que traz a degradação do ambiente (quando mal manuseada), mas existem múltiplos fatores que contribuem para tal. A ausência de docentes que realmente se preocupe com isso em sala de aula e discutam esse problema em sala de aula é um desses fatores. A responsabilidade do docente é tão grande que ele pode contribuir para as melhorias da sociedade.

A EA vem para fornecer ao aluno uma visão de mundo mais global, permitindo um crescimento cognitivo sobre o papel do homem no ambiente. Certa de que além dos projetos educacionais ou leis que condenem a degradação do espaço não é o suficiente, busco inserir aqui como a EA deve ser apresentada em sala de aula.

Hoje todos sabemos que as melhores estratégias urbanísticas não poderão sozinhas resolver os crescentes problemas que chegaram às raias da loucura nas grandes cidades, principalmente as do Terceiro Mundo e dos países em

transição. Não é demais lembrar que os problemas ambientais das megalópoles estão hoje entre os mais sérios do planeta. (HAINARD; SILVA, 2005, p. 66)

A abordagem sobre Meio Ambiente pode até existir seja pontual ou regularmente. No entanto, é apenas com a prática que podemos perceber a internalização dos conceitos pelos alunos. Ndongo e Nzinga lecionam na mesma escola. São professoras da escola com menos estrutura e mais problemas de manutenção. Quando perguntadas sobre a noção dos alunos com relação aos cuidados com o meio ambiente Ndongo afirma que:

Eles têm essa noção porque desde muito cedo, eles vêm, desde muito cedo a partir da pré ou primeira série, a falar sobre a higiene, que não devemos por o lixo no chão, se por acaso a mama pedir para jogar o lixo temos que colocar este no contentor, ou amarrar em sacos e colocar em frente às portas para que o carro de lixo quando passar possa pegar.(Ndongo; entrev, 2012)

Como afirma Moura (2011), a educação ambiental deve iniciar desde. É importante para o educando, se enxergar como parte da natureza, e também se conscientizar do bom uso dela. Como expõe Grün (2007, p. 116)

Precisamos aprender a compreender a Natureza como algo “vivo”. Essa é uma asserção particularmente importante. Desse modo, argumento que precisamos, então, desenvolver uma “linguagem viva” que se faz presente na conversação. Não fazer isso é ser cúmplice da morte da natureza.

Observar a natureza, é permitir que esta se classifique, se expresse, favorecendo que o observador perceba as suas peculiaridades e não se torne um agente explorador compulsivo e sim um agente reflexivo, transformador.

Observando a fala da docente, percebo que a EA, a priori, encontra-se como um tema presente no desenho curricular destes alunos, e que não é um assunto pontual, mas que é trabalhado em todo o ensino fundamental. Ndongo expõe o que pensa sobre os cuidados com o meio afirmando que:

Devemos ensinar a criança como cuidar do lixo porque o lixo traz muitas doenças, traz as moscas, essas pousam nos alimentos e trazem consequências de muitas doença. Então é sempre prioridade ensinar como a criança deve tratar do lixo.

Sabendo dos dilemas, dificuldades enfrentadas na comunidade na qual o aluno vive, o educador deve trabalhar os problemas ambientais com abordagens global e local, vinculadas à realidade vivenciada pelos alunos, construindo o conhecimento por meio de reflexões críticas, proporcionando perspectivas de mudança da realidade que o aluno vive no seu dia-a-dia, oferecendo a ele a construção de uma visão crítica e a perspectiva transformadora da sua realidade (KIST, 2010). Assim fala Nzinga sobre seu trabalho em EA:

Foi a primeira unidade, no primeiro trimestre, falamos sobre o meio ambiente. Onde o professor começou a falar sobre o ar puro, quando entramos para o ar puro já falamos sobre a sala de aula, dentro da sala de aula também é um meio ambiente, então temos que deixar as nossas janelas abertas, no tempo de calor para entrar ar puro, porque o melhor ar que nós ensinamos para eles é o ar puro, não esse ar artificial⁷, que às vezes é necessário porque as casas são muito quentes. Nós explicamos essa tendência do ar puro em sala de aula. (Nzinga; entrev, 2012)

Estratégias de como cuidar do meio, e dos espaços em que habitamos são muito frequentes em sala de aula, e podem surtir algum efeito, no entanto não podemos restringir a EA somente à exemplificação, sem olhar para a prática que faz realmente a diferença. Considero que:

Uma coisa é ler sobre o meio ambiente e ficar informado sobre ele, outra é observar diretamente o meu meio ambiente, entrar em contato direto com os diferentes grupos sociais que o compõe, observar como as relações permeiam o meio ambiente e o exploram, coletar junto às pessoas informações sobre as relações que mantêm com o meio ambiente em vivem, enfim, aprender como a sociedade lida com ele. Agir assim é experimentar comportamentos sociais em relação ao meu meio ambiente que permitem constatar suas características e as reações dele à nossa atuação. Sabemos que “aprende-se a participar, participando”. (PENTEADO, 1994, p. 53)

O olhar de Nzinga sobre a vasta definição do ambiente é de extrema importância, não podemos restringir o meio somente aos aspectos biológicos, na verdade é como pontua Carvalho (2008, p. 81)

Não se trata aqui de negar a importância do conhecimento e das explicações biológicas na EA, mas de alertar para o risco de reduzir o ato educativo a um repasse de informações provenientes das ciências naturais, sem correlacionar esse conhecimento com a complexidade das questões sociais e ambientais que circundam e o constituem.

⁷ Ar artificial: ar condicionado

As professoras afirmaram que realizam a inserção da temática ambiental em sala de aula, e que os alunos compreendem esse assunto. Mas se formos analisar as condições reais da escola, podemos observar que mesmo com a abordagem teórica em sala, pouco se vê na prática. Seguem algumas imagens das condições das escolas pesquisadas. A seguir, as fotos expressam situações relativas à primeira escola pesquisada.



Imagem 2. Sala de aula em uma escola periférica em Luanda-2012. FONTE: CANGA BUZA

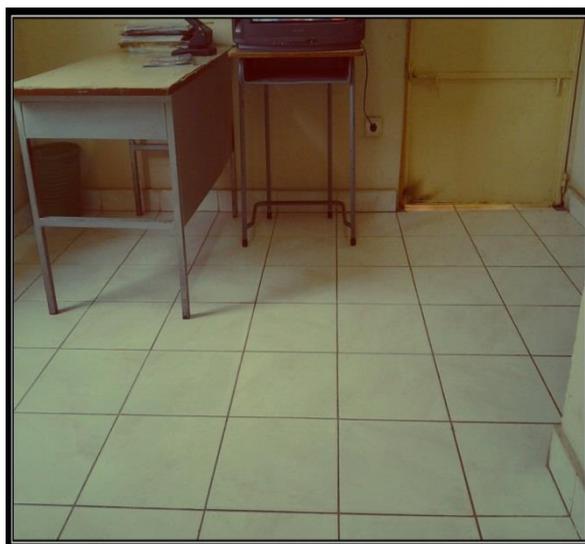


Imagem 3. Diretoria de uma escola periférica de Luanda. FONTE: CANGA BUZA

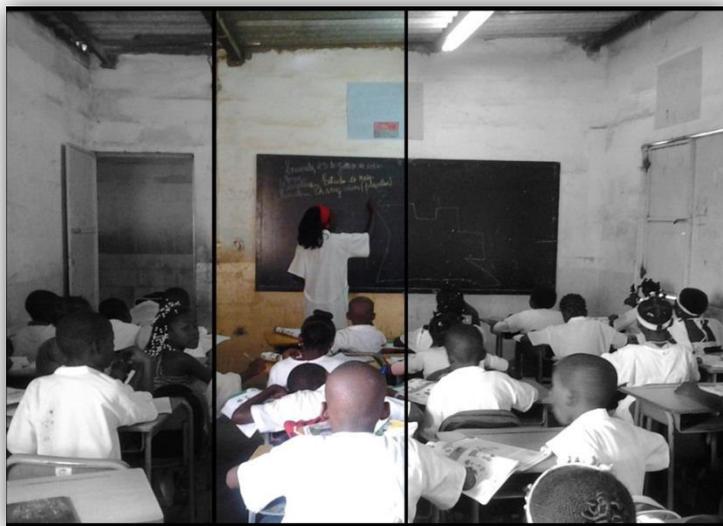


Imagem 4. Alunos estudando em uma escola periférica em Luanda. FONTE: CANGA BUZA

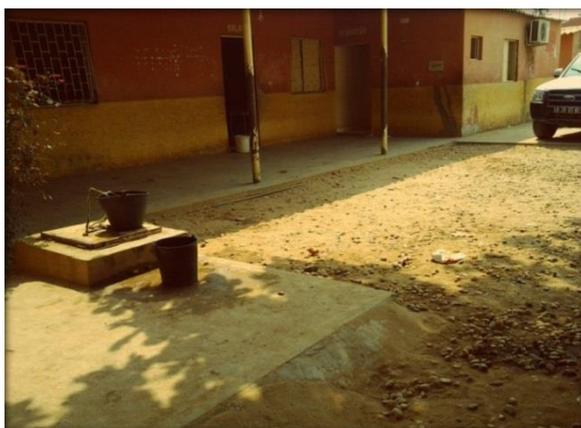


Imagem 5. Área de Lazer em uma escola periférica de Luanda- 2012. FONTE: CANGA BUZA

De posse dessas imagens podemos traçar alguns comentários sobre as condições de estudo desses alunos, e o modo como a direção escolar tem investido no espaço em que os alunos estudam, assim como examinar como a temática ambiental pode ser observada no espaço escolar.

A professora Ndongo disse que realiza a inserção da temática ambiental, mas de acordo com a primeira imagem da sala em que a mesma leciona, podemos observar que embora sensibilizados sobre a necessidade da existência de uma preocupação ambiental os alunos ainda não tem conscientização sobre o assunto, tanto que ainda jogam papel e sacolas no chão da sala em que estudam.

Outro ponto importante, é que a própria situação do espaço escolar é deplorável, se falamos em conservação ambiental, temos uma inquietação não só relacionada com a coleta de lixo, ou à arborização das cidades, mas também temos preocupações com a conservação do espaço em que estamos. Torna-se preocupante, pois, os relatórios e iniciativas públicas que procuram garantir um ensino gratuito, obrigatório e de boa qualidade (ANGOLA, 2010), cujo último quesito não é visto em muitas instituições educacionais da rede pública do ensino em Angola.

Tive a oportunidade de conhecer a escola, e ao subir as escadas um forte cheiro desagradável pairava pelo ar, paredes sujas, carteiras em péssimas condições de uso. É com essa realidade que os alunos convivem diariamente. Mas em contrapartida, não é a mesma condição vista na sala da diretora, já que esta tinha a sua disposição uma sala devidamente higienizada, com um piso diferenciado e até ventilador, diferente do local de estudo dos alunos.

A partir deste cenário, procuro compreender como o discente vai conseguir pensar em limpeza e organização se no mesmo ambiente no qual ele estuda não é visto isto, e não só, como crer que a professora, e mesmo a administração pedagógica realmente têm isso como preocupação se ao invés de priorizar a integridade do local de estudo do aluno, a administração investe somente na sala da diretora?

As professoras podem se esforçar ao máximo para realizar a inserção da Temática Ambiental em sala de aula, mas o seu trabalho não terá o mesmo efeito se a administração pedagógica não estiver em sintonia com o que está sendo realizado em sala de aula. Se o próprio espaço escolar não possuir em seus corredores locais para o depósito do lixo (o que não existe na escola pesquisada), como a professora Ndongo diz: *Devemos ensinar a criança como cuidar do lixo por que o lixo traz muitas doenças, traz as moscas, essas pousam dos alimentos e trazem consequências de muitas doenças, então é sempre prioridade ensinar como a criança deve tratar do lixo (Ndongo; entrev. 2012).*

A realidade é diferente e o aluno precisa colocar isso em prática e se a escola favorecer essa simples prática através da coleta de lixo, o discente terá a oportunidade de criar uma futura consciência sobre a preocupação com o seu meio ambiente.

A Educação Ambiental é abrangente, podendo ser trabalhada desde o aspecto do cuidado até ao consumo, que precisa ser trabalhado urgentemente em sala de aula já que cada vez mais, crianças e jovens angolanos vêm consumindo. Roupas, eletrônicos de fácil descarte vêm ganhando espaço no cotidiano desses estudantes. A produção, por sua vez, base desse consumo, não pensa na degradação ou não da natureza. A racionalidade econômica que se instaura no mundo como núcleo duro da racionalidade da Modernidade, se expressa em um modo de produção fundado no consumo destrutivo da natureza que vai degradando o ordenamento ecológico do planeta Terra, e minando suas próprias condições da sustentabilidade (LEFF, 2009). Vale ressaltar que a proposta de desenvolvimento pregada e almejada por muitas sociedades ditas modernas, não são compatíveis com o desenvolvimento sustentável. Como afirma (TOZONI- REIS, 2004, p. 46),

O desenvolvimento tecnológico, na sociedade moderna, tem como objetivo a acumulação de capital e é por ele controlada, transformando a tecnologia de valor de uso em valor de troca. Este processo tem como resultado a ruptura do homem com a natureza. Dessa forma, podemos pensar que o desenvolvimento tecnológico no capitalismo não tem perspectiva de sustentabilidade.

Este aspecto dificulta a transformação efetiva da sociedade, são muitas, as “perdas” que cada país simpatizante deste modelo de desenvolvimento teria caso abrisse mão de seus ideários. Logo, a reflexão e a apresentação dos benefícios a longo prazo são necessário para uma transformação gradual, porém, benéfica a longo prazo.

Apoiando – me no trabalho de CARLLETO (2011, p. 46), entendo que:

A exploração desordenada trouxe danos às estruturas e a civilização, enquanto os resultados psicológicos do capitalismo carbonífero- e moral rebaixada, a esperança de conseguir algo sem dar nada em troca, o desprezo por um modo equilibrado de produção e consumo- resultaram em uma sistemática destruição do ambiente. Era uma sociedade inclinada à realização de benefícios antes que a produção do necessário para vida.

Aspectos que estão intimamente ligados à Educação Ambiental precisam ser abordados para nos fazer repensar o nosso modo de vida, para compreendermos a necessidade dos cuidados com o meio. Com isso, seremos seres sustentáveis, capazes de consumir sem esgotar as riquezas que a natureza possui.

Sendo Angola um país potencialmente rico em recursos naturais tais como diamante, petróleo, ferro (CANGA, 2007), entre outros recursos naturais, torna-se necessário construir-se uma visão referente ao desenvolvimento sustentável.

Sobre atividade extraclasse, a professora Nzinga afirma: *Existe, sim, graças a Deus, já em outras classes, algumas vezes o professor pede a autorização da escola. Isso já é um extra que o professor pode criar, quando acha que os alunos precisam ver o meio ambiente, ele pede uma autorização.* Por isto,

Podemos extrair um termo importante da professora Nzinga, “... *quando acha que os alunos precisam ver o ambiente*”. De que ambiente a professora se refere? Plantas? Ruas? Sala de aula? Não devemos considerar a sala de aula como um ambiente também? Saber definir o ambiente é importante, afinal de contas, o professor pode receber uma negativa e não ter como sair com os alunos para ver o “meio ambiente” externo, logo, terá que desenvolver a sua aula sobre este assunto em sala mesmo.

A partir do momento que o educador traz para a sala de aula situações com as quais o educando se identifica, consegue uma das condições fundamentais para o aprendizado: a contextualização e, conseqüentemente, a interação. E, para que esta última ocorra de maneira eficaz, são imprescindíveis o conhecimento prévio da realidade dos alunos, as estratégias, o preparo e a disposição do educador para produzir níveis condizentes com a realidade que espera os alunos ao saírem do Ensino Médio. (TAFNER, 2008, p.1)

Se não houver possibilidade alguma do professor sair da sala de aula com os alunos, ele por sua vez terá que desenvolver as suas aulas práticas com os recursos que estiverem a sua disposição, terá de conhecer o meio em que os alunos estão inseridos para realizar as suas aulas contextualizando o assunto.

O grande erro dos docentes é trabalhar por “caixinhas”, sendo estas: a floresta, os centros urbanos, quando não os rurais, sempre dando a entender ao aluno de que a floresta por ter muitas árvores deve ser considerada como o “meio ambiente”. Este posicionamento por sua vez, só permite que o aluno viva na ilusão de que se encontra excluído de um mundo natural, e que não pode interferir no processo desse mundo. Segundo Dulley (2004, p.17),

É preciso lembrar também que não se pode dissociar o natural do social, pois outros temas, além da destruição da natureza, como o tratamento cruel de animais domésticos, a exploração desumana de trabalhadores e crianças e as restrições por parte dos consumidores aos organismos geneticamente modificados, que até há poucos anos, não eram sequer cogitados pelas legislações específicas, nem mesmo os monitorados por entidades

internacionais, passaram, recentemente, a serem considerados parte da crise ambiental.

Visitei a segunda escola. Localizada no centro da cidade, sendo considerada como uma das maiores escolas nessa área, conversei com os professores, Luzolo e Matondo. Segue a fala dos dois sobre a introdução da temática ambiental em sala de aula e algumas imagens da escola.

Acho que existe se é que o meio em si, onde nos encontramos, não há muito cuidado porque há muitos fatores da destruição do meio ambiente, mas, de forma teórica, existem as informações que têm sido dadas. Avançaríamos, mas, por exemplo, se implementássemos, se é que existem algumas iniciativas, acho eu que deveria haver mais seriedade nisso, de forma a mantermos o ambiente sadio. É o que eu já disse, por exemplo o barulho de automóvel, a poeira em si, esses são fatores que degradam o meio ambiente. (Luzolo; entrev, 2012)

Temos, mas é só no terceiro trimestre. Nós falamos da descoberta de si mesmo. (Matondo; entrev, 2012)

No primeiro caso o professor não foi muito objetivo em sua resposta, fez uma análise sobre a inserção ambiental. Levando em consideração a poluição sonora, o professor afirma existir um aconselhamento relacionado a isso, mas nada muito concreto com relação a sua prática docente.

A professora Matondo, não realiza essa inserção de forma integral, mas de modo pontual, levando em consideração o cronograma estipulado. Temos algumas imagens do espaço escolar onde os professores lecionam.



Imagem 6. Cartaz para sensibilização ambiental em uma escola no centro de Luanda. FONTE: CANGA BUZA

O cartaz apresentado é uma iniciativa do governo, que não foi encontrado na primeira escola pesquisada. Este por sua vez está localizado na área de lazer dos alunos, e aborda questões relacionadas com a coleta de lixo. Em contrapartida, de frente para este mesmo cartaz podemos observar papéis e sacos plásticos no chão. Como podemos ver na imagem a seguir.



Imagem 7. Área de Lazer em uma escola do centro de Luanda. FONTE: CANGA BUZA.

As imagens seguintes refletem mais uma vez a controvérsia presente nos corredores da escola pesquisada. Mesmo com cartazes, frases pintadas em corredores, os alunos e talvez até mesmo os trabalhadores da escola, não desenvolveram a real conscientização ambiental, pois depositam papéis e sacolas ao longo da escola, como se

fosse algo normal. Convivem com um espaço completamente insalubre em alguns locais.

Na verdade a Educação Ambiental é complexa. Ela não é feita com uma simples abordagem em sala de aula sobre o cuidado com o patrimônio público ou com a limpeza dos espaços coletivos. Qualquer problema ambiental para ser entendido deve ser estudado como um produto da interpelação de fatores sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, históricos e biológicos. Por tudo isso, diz-se que a questão ambiental é complexa, e o exercício de conhecê-la exige pensar complexo (QUINTAS, 2009)

Se desejamos ver o crescimento de homens e mulheres saudáveis e conhecedores de sua responsabilidade perante o ambiente em que vivem, é importante investir em educação ambiental. A educação ambiental surge com o propósito de criar no ímpeto do aluno, a preocupação com o seu espaço e a preocupação com a limpeza do espaço em que vive. Para Pessoa e Braga (2010, p.143)

A EA possui grandes possibilidades como sensibilizadora da população para as questões do ambiente, podendo mobilizar e estimular a participação coletiva para a construção de ambientes saudáveis e socialmente justos. Por esse motivo, ela se constitui como mediadora para edificação da melhoria da qualidade de vida de uma sociedade e, assim, considerada, torna-se uma proposta essencialmente política.

As imagens a seguir mostram exatamente, o que existe realmente, o fato confrontando o discurso. Os professores dizem que os alunos possuem um entendimento referente ao cuidado com o meio, estes afirmam também que este assunto é desenvolvido em sala, no entanto, no corredor é possível ver lixo entre as salas. Próximo a essas salas é encontrada uma frase que busca sensibilizar os alunos sobre a importância da conservação do patrimônio, seja ele qual for.



Imagem 8. Lixo jogado entre as salas em uma escola do centro de Luanda- 2012. FONTE: CANGA BUZA

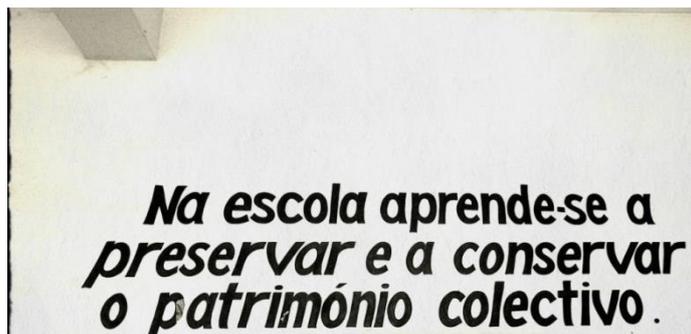


Imagem 9. Frase pintada próxima as salas em uma escola do centro de Luanda. FONTE: CANGA BUZA.

Cada imagem, texto, exposto nessa escola, referente à Temática Ambiental, traz consigo uma verdade, uma gama de conceitos, que para que se tenha a devida compreensão precisam ser devidamente analisados em sala de aula. É como apresentar um texto ao aluno e não disponibilizar negociação de sentidos que o auxiliem na interpretação do que ele está lendo.

A teoria sem ação é vazia, sensibilizar os alunos sobre o cuidado com o meio no qual estão inseridos é importante, no entanto perceber a compreensão dos alunos através do cuidado vindo dos discentes torna-se imprescindível para a constatação da conscientização ambiental, que por mais que não seja imediata, e extremamente subjetiva precisa ser vista na prática. Entende-se que a conscientização é um processo de reflexão histórica e ação concreta que implica opções políticas e articula conhecimentos e valores para a transformação da relação homem-natureza, estabelecida pela história complexa das relações sociais (TOZONI-REIS, 2004).

Esta conscientização obedece uma ordem de fatores que irão influenciar em tal construção. Conscientização não é um resultado imediato da aquisição de conhecimentos sobre os processos ecológicos da natureza, apropriado pelos indivíduos. É a reflexão filosófica e política carregada de escolhas históricas que resultam numa sociedade sustentável (TOZONI- REIS, 2004)

Não percebi sensibilização ambiental e por, consequência, nem conscientização dos alunos pelo estado físico das salas em que entrei. Não vi a conservação dos espaços comuns, coletivos. A sujeira era tanta que nem as paredes foram poupadas. Nos espaços

de lazer também não foi possível observar a conservação do local. Como já expus anteriormente, há uma controvérsia muito grande do que é escrito nas paredes da escola, e a ação dos alunos.

Termos como preservar e conservar (na perspectiva da EA) possuem definições diferenciadas, sendo preservar o ato de proteger integralmente. Isso ocorre quando estamos prestes a perder algo pertencente a nossa biodiversidade. Conservar seria usar de modo racional, sem devastar, utilizar de forma sustentável. Feitas essas considerações, me indago: os alunos que todos os dias circulam por esses corredores, e tem a oportunidade de ler essa frase, compreendem a diferença existente entre estes dois termos?

Não critico o fato de existir uma frase como essa na escola. Acho até necessário, desde que, o professor trabalhe com os estudantes a compreensão do que se lê, e o ensine a interpretar e aplicar estes conceitos tão valiosos no seu dia – a - dia.

A Educação Ambiental, mesmo sendo realizada em sala de aula, pode assumir a vertente, podendo ser conservacionista ou transformadora. Ao professor ou instituição cabe analisar qual caminho trará benefícios para a realidade de vida do aluno. Considerando a corrente conservacionista, Cavalheiro (2008) define que neste sentido a educação fixa sua função social na necessidade de conservação daqueles recursos não renováveis, para evitar seu esgotamento baseado num conhecimento fechado e objetivo, a partir de uma perspectiva simplista da realidade ambiental.

A busca por uma EA que penetre nos caminhos tortuosos da sociedade, ligados a disparidade, descaso, relações interpessoais e definida como transformadora, vai além dos aspectos naturalistas. Esta corrente considera a educação como práxis social, que contribui para o processo de construção de uma sociedade pautada por novos patamares civilizacionais e societários distintos dos atuais, na qual a sustentabilidade da vida, a atuação política consciente e a construção de uma ética que se afirme como ecológica sejam seu cerne (CAVALHEIRO,2008).

Perguntei aos professores Matondo e Luzolo se existia algum apoio institucional para realização de atividades sócio- ambientais. O professor Luzolo afirmou que:

Temos recebido, como somos o elo direção e os meninos, temos recebido às vezes alguns folhetos, como são meninos que em termos de prática não tem ainda aquelas habilidades de ler, se é que alguns possuem e então essa responsabilidade tem sido entregue a nós, como professores, de forma a retransmitir aquilo que a direção da escola nos dá, no sentido de conservar, porque só a conservação desse património já estamos nos preocupando com a conservação do meio ambiente, onde diariamente estamos trabalhando do património, onde os meninos estão tendo aula. Aconselhando a eles cuidarem desse meio, ali estamos contribuindo para que eles cuidem do meio ambiente (Luzolo; entrev, 2012).

Percebe-se a compreensão do professor no que tange à conservação do espaço, e o cuidado com o património escolar. Segundo o docente, a escola demonstra essa preocupação entregando folhetos para serem distribuídos em sala, no entanto é importante ter em mente que a valorização sobre o cuidado com o meio precisa ser mais profunda e os trabalhos relacionados à EA necessitam ser realizados com eficácia para que haja uma transformação verdadeira no comportamento e na mentalidade dos discentes sobre as relações do homem com o meio ambiente. Pensar ambientalmente é pensar socialmente.

A seguir, apresento a terceira escola pesquisada, onde a entrevista foi realizada com as professoras, Zola e Muxima. Essa escola pode ser caracterizada por sua organização e higienização geral. Não vi lixo no chão, o que vi foram alguns depósitos de lixo, assim como vários cartazes sobre conservação ambiental, ou sobre a saúde. Seguem algumas imagens do espaço conhecido.



Imagem 10. Espaço de Lazer em uma escola situada na área de urbanização de Luanda. **FONTE:** CANGA BUZA.

A escola está situada em uma área denominada como a Nova Luanda, onde muitas casas construídas, escolas, supermercados e dentre outros estabelecimentos estão sendo construídos. Escolhemos pesquisar esse ponto para podermos conhecer de forma parcial como está sendo assimilado esse desenvolvimento, e quais os impactos que a escola tem sofrido com isto.

Entrando efetivamente no assunto, que estamos trabalhando aqui, seguem outras imagens sobre o espaço escolar, e sobre os investimentos feitos na escola. Seguem algumas imagens, que nos servirão como base para as discussões.



Imagem 11. Corredor de uma escola, na área de urbanização. FONTE: CANGA BUZA.



Imagem 12. Cartaz de sensibilização em uma escola, na área de urbanização em Luanda. FONTE: CANGA BUZA

Diferente das demais escolas pesquisadas, a escola encontrada na área de urbanização apresentava toda uma organização e limpeza em todos os seus espaços, tanto nas salas, como nos espaços de lazer. O único local com acúmulo de lixo estava do lado de fora da escola, em um terreno baldio, mas que mesmo sendo ao lado pode causar problemas à saúde das crianças.



Imagem 13. Lixo encontrado em terreno baldio localizado ao lado de uma escola em Luanda.

FONTE: CANGA BUZA

A educação como canal transformador da sociedade, interfere de muitas formas na estruturação da comunidade na qual está inserida. Considerando a fala de Zappone (1999, p. 34),

A Educação Ambiental possui certas características particulares que devem ser contempladas, adaptando-se ao modelo avaliativo escolhido, como sua natureza interdisciplinar, seu enfoque para os problemas, sua clarificação dos valores, sua orientação para a comunidade, sua possível aplicação na educação formal e não formal e seus fins a longo prazo.

A educação ambiental por si só nos induz a realizar trabalhos em parceria com a comunidade, e esta ação demonstra de fato o desenvolvimento da temática ambiental nas instituições escolares. Questionamos as professoras da instituição em questão, sobre condições para a realização de atividades sócio ambientais com o bairro, e, em seu relato, a professora Muxima se refere a essas atividades dizendo que elas existem, mas “não muito”, e que se houvesse condições a instituição “ajudaria”. O ensino é uma prática conjunta, onde a coordenação, os pais e os alunos precisam cooperar para que exista o crescimento desejado para a vida do discente.

Já a professora Zola afirmou que, quanto ao apoio da direção, não existe dificuldade para que a instituição abra as suas portas para que a comunidade use o espaço da escola, tanto que afirma que “Sim, apoiaria, porque às vezes há um grupo da igreja que vem pra cá, eles fazem uma carta à direção, e aos sábados, às vezes, a escola fica ocupada com os alunos da igreja.” O fato da direção pedagógica ceder o espaço da escola para atividades eclesiais nos permite acreditar que não teriam nenhuma rejeição com relação a desenvolver atividades socioambientais juntamente com a comunidade.

Podemos concluir que com relação a esse contexto, não só os docentes, mas também a direção pedagógica precisa investir mais em atividades na comunidade, de modo que o discente desde cedo crie preocupação com o espaço em que vive. Trabalhar com projetos socioambientais nas escolas pode ser desafiador, principalmente pelo caráter interdisciplinar desse tipo de atividade, isto, porque o diálogo entre os docentes das diferentes disciplinas é muito difícil de ser realizado. (FERREIRA et al, 2012)

Foram poucas as mensagens vistas nas paredes dessa última escola, mas tive a oportunidade de encontrar um cartaz que englobava aspectos relacionados aos cuidados com a saúde, mas que se encontrava na sala dos professores, o que achei um desperdício, porque a mensagem sobre o tratamento da água em um país onde há um grande problema com o abastecimento de água precisa ser propagado. O cartaz é atrativo, possui uma mensagem clara e objetiva e é de fácil compreensão. Segue a imagem do referido.



Imagem 14. Cartaz de sensibilização sobre o tratamento da água, em uma escola em Luanda.

FONTE: CANGA BUZA

Angola e outros países africanos têm muitos problemas relacionados às necessidades básicas. Luz e água são elementos que não são distribuídos adequadamente, trazendo muitos problemas à sociedade angolana, já que estamos lidando com elementos que até então são fundamentais para a produção diária dos afazeres das pessoas. Segundo o documento gerado pelo *Improving Access Safe Water: Perspectives from Africa and Americas* (2010, p.4)

Na África e América Latina, saneamento em áreas rurais e periurbanas é um grande problema, embora a cobertura na maioria das áreas urbanas e metropolitanas é razoável. Aspectos socioeconômicos acerca de saneamento e tratamento de águas residuais não costumam ser considerados em processos decisórios sobre saneamento e tratamento de águas residuais. Há uma deficiência generalizada saneamento em ambos os continentes, o que contribui para a poluição das águas, contaminação e deterioração da saúde humana. Saneamento não costuma ser uma prioridade para a maioria dos governos e tratamento de águas residuais é quase inexistente em áreas urbanas, peri urbanas e rurais em ambos os continentes. Há uma deficiência na implementação de políticas de saneamento, tratamento de águas residuais e re uso de águas, e a regulação é limitada em ambos os continentes.

A questão sobre o tratamento de água para muitos pode estar completamente desvinculada da Temática Ambiental, no entanto se formos analisar a fundo, vamos perceber que a temática ambiental vai muito além de discussões sobre a preservação de florestas e outros ambientes. Ela perpassa a nossa subjetividade e o modo como construímos o nosso cotidiano. Tratando-se de um problema que está tão evidente no cotidiano do aluno, torna-se necessário discutir este assunto referente ao tratamento de água em sala, para que o aluno perceba como cada ação corresponde uma reação, e a falta de cuidado com rios e lagos, pode acarretar distúrbios no ecossistema, e, por conseguinte impactos na própria saúde do discente.

Essa “lei” de ação e reação pode ser considerada como um ótimo instrumento para a construção do ser crítico, consciente da sua responsabilidade com o meio e sobre os possíveis problemas que podem surgir por sua alienação perante tais problemas. A questão-problema (seja essa sobre o tratamento de água ou qualquer outro assunto) se lançada ao estudante deve fazê-lo refletir sobre os seus atos, a partir de suas práticas cotidianas e dos saberes relacionados a elas.

A imagem a seguir é de um cartaz que encontrei em um dos corredores da escola pesquisada, o mesmo problema detectado, o cartaz se encontrava em um local de difícil visualização. Mesmo não sendo um cartaz muito claro para alunos de séries iniciais, creio que poderia ter uma localização melhor, já que o mesmo se refere ao lixo seletivo.



**Imagem 15. Cartaz sensibilizador sobre o manejo do lixo, encontrado em uma escola de Luanda.
FONTE: CANGA BUZA.**

O espaço escolar não contava com depósitos de lixo diferenciados para esta coleta de lixo seletivo, mas tive a oportunidade de ver muitos depósitos. Acima como foi possível ver temos o cartaz sensibilizador sobre esse assunto. A iniciativa foi da Direção Provincial da Saúde de Luanda. Como disse, o cartaz não seria tão atrativo para as crianças, mas não podemos descartar essa iniciativa. Creio que esta imagem, teria um efeito melhor se exposta em uma escola de ensino médio.

Com as imagens e relatos obtidos durante a pesquisa, pudemos concluir este tópico, considerando que mesmo com todo o esforço feito pelos professores para que os alunos aprendam a necessidade do cuidado com o meio ambiente, este ainda não é visto como um assunto primordial dentro do currículo escolar. Afirmo isto porque vi muitos cenários e que vão de encontro aos relatos que ouvi, o que me preocupa, porque estamos lidando com crianças, que retêm muitas informações e com o passar do tempo torna-se mais difícil corrigi-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre o ensino em Angola, não nos remete somente ao ensino-aprendizagem propriamente dito, mas também a história, à cultura, ao desenvolvimento, e, principalmente, aos desafios educacionais com que os docentes precisam lidar diariamente neste país com tantos entraves sociais. A escolha pela profissão, as experiências de vida, os instrumentos metodológicos, todos esses aspectos pesam na construção da prática docente dos professores. Por meio dessas questões foi possível conhecer uma parcela da vivência educacional dos docentes.

Não posso e nem pretendo encorajar ninguém a pensar que os docentes angolanos são preguiçosos ou incapazes de realizar o ensino de Ciências. Digo isto porque estamos tratando de pessoas que sofreram e sofrem influências da história angolana. Sofrem até hoje pelas heranças deixadas pelos colonizadores e isso tudo contribuiu para termos o ensino nos moldes atuais. Logo, escrevi este trabalho procurando me desvencilhar ao máximo de modelos de ensino, as ditas referências, vindas da Europa, ou de qualquer outro país latino americano, por acreditar que o ensino de qualquer país precisa de tempo para se constituir e ser visto como referência.

O ensino tem em si a responsabilidade não somente de desenvolver um assunto, mas também carrega a difícil missão da compreensão das condições de vida de seus discentes e dos próprios docentes. Com isso torna-se importante compreender que:

O espaço escolar é um ambiente de representações sociais, ligar para o estabelecimento de interações entre as pessoas, mas acima de tudo, constitui-se em um marco de relações sociais e suas trocas afetivas e cognitivas, com importantes e decisivas transformações pessoais. Essas relações de interessoalidades são constituídas nas e pelas interações de indivíduos entre si, através das atividades diversificadas compartilhadas no cotidiano. Santos et al (2008, p.48)

As interações entre os sujeitos do ensino e de aprendizagem (professores e alunos) são muito fortes nos relatos dos sujeitos pesquisados. Ser docente possui em si inúmeras definições. Nosso ofício é revelar as leis da natureza, a produção do espaço, da vida, ensinar matérias... mas sobretudo revelar-nos às novas gerações, revelar a humanidade, a cultura, os significados que aprendemos e que vêm sendo aprendidos na história do desenvolvimento cultural (ARROYO, 2000). Mas nosso ofício não se restringe só a isto, o professor diariamente deixa de ser um mero transmissor de conteúdos e passa a exercer o papel de mãe, pai, médico, psicólogo e todos os demais

papéis que inicialmente não são de responsabilidade dele, mas que por amor ao exercício profissional são agregados à sua atuação.

A educação permite a transformação de uma sociedade, e esta atrelada ao aspecto ambiental permite a reflexão minuciosa sobre o meio em que estamos inseridos e como devemos cuidar dele. A Educação Ambiental traz ao contexto angolano uma visão nova, sobre o verdadeiro desenvolvimento, buscando um alicerce sustentável e que não vá trazer impactos negativos ao meio ambiente. Conhecendo o país, e pesquisando sobre ele, percebo constantemente o desejo dos seus cidadãos de um crescimento na sua totalidade (saúde, educação, infraestrutura, economia...).

Com a pesquisa, percebi que, por mais que exista um discurso favorável aos cuidados com o meio, ainda não há, de fato, o adequado cuidado na prática. A EA não está, de fato, sendo realizada (ela existe nas entrelinhas). Concluo isto por ter visto em cada espaço escolar descaso total com as salas de aula, muito lixo no chão e uma desorganização muito grande na escola. Por meio das observações feitas no espaço escolar pude perceber que embora os alunos saibam que não se deve jogar o lixo no chão, ou qualquer outra atitude que vá de encontro com os cuidados necessários com o ambiente, estes não devem estar de fato sensibilizados, e creio que estão longe da construção de uma conscientização ambiental, pois, observando as instituições escolares vi e ouvi muita teoria e pouca prática. O discurso é vazio se não houver ação. Na perspectiva ambiental, a ação é a prova da concretização da conscientização ambiental.

Com as experiências sobre a prática docente desses professores sendo relatadas percebe-se o empenho, a entrega dos professores para a realização de suas atividades no meio das adversidades. A construção dos conteúdos, a análise dos assuntos, tudo isto é desenvolvido a partir do que os professores têm em mãos.

Como pesquisadora, sinto-me na obrigação de registrar aqui algumas sugestões/recomendações para a melhoria do ensino de Ciências no país, referentes à perspectiva ambiental. Faço isso, considerando a complexidade do processo de ensino e de aprendizagem e a necessidade de as autoridades educacionais olhar para os sistemas educacionais de modo amplo, em que os professores são somente um elo do processo e não os únicos responsáveis por ele. A seguir, expresso recomendações ao sistema educacional angolano:

- i) Levando em consideração o espaço escolar das escolas pesquisadas, relacionado aos cuidados com o ambiente escolar vejo uma carência muito grande de depósitos de lixo. Não há como ensinar a cuidar do ambiente se os estudantes não tiverem onde depositar o lixo. Por isso, entendo ser de extrema importância o aumento do número de lixeiras no espaço escolar.
- ii) É recomendável que os cartazes expostos nas escolas sejam interpretados pelos alunos com a ajuda dos professores. Que as crianças possam elaborar pequenos textos, individual e coletivamente, sobre a mensagem que cada cartaz expressa. Assim, ao vê-los depois nos corredores ou nas áreas de lazer, os cartazes terão significado para os estudantes.
- iii) Nas salas de aula, os aspectos associados à EA são expostos por meio de conselhos, sobre o que se deve ou não fazer, como, por exemplo, não jogar o lixo no chão. Como expus anteriormente, a Educação Ambiental vai além dessas práticas simples, buscando desenvolver no aluno mudança de hábitos ante o meio em que este está inserido;
- iv) É recomendável que a educação ambiental se faça por meio de projetos de investigação na comunidade em que os estudantes vivem, a partir de problemas reais identificados no ambiente;
- v) É importante que seja estabelecida uma política de formação continuada de professores relacionada à Educação Ambiental, podendo esta assumir outras nomenclaturas, em função da organização local. Contudo, é importante perceber que a nova geração de cidadãos angolanos deve incorporar conceitos de educação ambiental como educação para a sustentabilidade.

Auxiliar na transformação do país foi uma das razões que me moveram e me movem a realizar este trabalho. Mesmo sabendo que esta mudança não é imediata, apresento esta investigação como uma contribuição para a transformação do ensino angolano, semelhante aos demais trabalhos que são desenvolvidos com foco na sociedade angolana.

O país está crescendo, sedento por mudanças. As pesquisas realizadas surgem com o intuito de analisar as deficiências atuais para o aprimoramento futuro da sociedade. Encerro estes últimos parágrafos com o desejo ainda latente de continuar tecendo outras considerações sobre o que vi, ouvi, e o que penso ser prioridade para a transformação do país. Em suma, concludo, temporariamente, esta pesquisa com a aspiração de contribuir com o ensino, participando de discussões sobre a Educação Ambiental com professores do ensino fundamental, colaborando com a construção de um ensino fundamental mais dinâmico e que motive alunos e professores a repensar suas práticas ante o cotidiano em vivem.

REFERÊNCIAS

- AMADO, J; FREIRE, I; CARVALHO, E; ANDRÉ; M.J. **O lugar da afetividade na Relação Pedagógica. Contributos a Formação de Professores, Lisboa.** Sísifo-Revista de Ciências da Educação, nº 8, p.1-12 jan/abr. 2009. Disponível em <<http://sisifo.fpce.ul.pt>> Acesso em: 23 out.2013
- ANGOLA, **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DE ANGOLA.** Luanda. 2010
- ANGOLA, **Relatório Social de Angola- 2010.** Luanda: Offset- Limitada 2011. 222p
- ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre: imagens e auto- imagens.** Petrópolis: Vozes, 2000.
- AZEVEDO, J. G. **Fazer com paixão sem perder a razão- Retalhos de uma experiência em escola pública de tempo integral.** Lapa:DP&A. 2003.
- BAIRD, C. **Química ambiental.** 2ed Porto Alegre: Bookman. 2002. 622p
- BEHENK, D. B; SCHNEIDER, E. J. **Educação e afeto: uma ligação necessária.** Revista de divulgação o técnico-científica do ICPG. vol. 2 n. 6 - jul./set..2004
- BRANCO, S. M. **O meio ambiente em debate.** 3 ed. São Paulo: Moderna. , 2004. 127p
- BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é- o que não é.** Petrópolis: Vozes, 2012. 199p.
- _____. **O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade.** Petrópolis: Vozes, 2012. 295p
- BUZA, A. G. **Ecologia e Teologia em diálogo diante da crise Ambiental-** Belém: 2009.
- CANGA, J. L. **Ensino de Ciências em Cabinda/Angola: condições da prática docente, ideias de professores e desafios.** Universidade Federal do Pará. Belém. 2007.
- CANGA BUZA, R.G. **A inserção da temática ambiental no ensino de Química.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Ciências Naturais - Química) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2011.
- CARLETTO, M. R. **Avaliação de impacto tecnológico> reflexões, fundamentos e práticas.** Curitiba: UTFPR. 2011.246p
- CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico.** 4ed. São Paulo: Cortez, 2008. 253p
- CAVALHEIRO, J.S. **Consciência Ambiental entre professores e alunos da Escola Estadual Básica Dr. Paulo Devanier Lauda.** UFSM. Santa Maria, 2008.
- CLANDININ, J. D; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa.** Uberlândia: EDUFU, 2011.

CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2012. 327p

FANON, F. **Os condenados da terra**. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1968

FERREIRA, F. M; PIMENTA, L. T. B; PAULA, M. D; SILVA, O. H. R; TAKAMI, S. T. **África de ontem, África de hoje, resquícios de permanência?** Revista de História Contemporânea, n.2, maio-outubro, 2008.

FERREIRA, M. M. C. **Alguns fatores que influenciam a aprendizagem do estudante de enfermagem**. Educação, Ciência e Tecnologia. 2005.

FERREIRA, S.B. C; MARQUES, C.S; BONFIM, A. M; MAIA, E. D. **A utilização da metodologia de projetos socioambientais em grupo de docentes de escolas estaduais**. Niterói, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 143p

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FROTA, M. A; PÁSCO, E.G; BEZERRAS, M. D. M; MARTINS, M.C; MARTINS, M.C. **Má alimentação: fator que influencia na aprendizagem de crianças de uma escola pública**. Rev. APS, v. 12, n. 3, p. 278-284, jul./set. 2009

GASPARINE, J.L. **A construção dos conceitos científicos em sala de aula**. In: NARDI, N. L. (org). Educação: visão crítica e perspectiva de mudança. Concórdia. Santa Catarina. Universidade de Contestados, 2007.

GERALDI, C. M.G; FIORENTINI, D; PEREIRA, E. M.A. **Cartografia do trabalho docente**. Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil. Campinas. 1998.

GRÜN, M. **Em busca da dimensão ética da educação ambiental**. Campinas: Papirus, 2007. 173p

HAINARD, F; SILVA, M. C. **O ambiente: uma urgência interdisciplinar**. Campinas: Papirus, 2005.157p

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HODGES, T. **Angola: Do afro- estalinismo ao capitalismo selvagem**. Cascais: Principia, 2002.

KIST, A.C.F. **Concepções e práticas de Educação Ambiental: uma análise a partir das matrizes teóricas e epistemológicas presentes em escolas estaduais de ensino fundamental de Santa Maria –RS.UFSM**, Santa Maria, 2010.

LEFF, E. **Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 555p

_____. **Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental.** Petrópolis: Vozes, 2009. 439p

MARTINS, I; GOUVÊA, G; VILANOVA, R. **O livro didático de Ciências: contextos de exigências, critérios de seleção, prática de leitura e uso em sala de aula.** Rio de Janeiro, 2012.

MENEZES, S. **Mamma Angola: Sociedade e economia de um país nascente.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

MINISTÉRIO DO AMBIENTE – DIRECÇÃO NACIONAL DE GESTÃO DO AMBIENTE. **Preservando o planeta terra.** 2009.

MORIN, E. **A via para o futuro da humanidade.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2013. 392p

MORIN, E. **Entender o mundo que nos espera.** In: MORIN, E. **Como viver em tempo de crise?** Rio de Janeiro: Bertrand, 2013.p.9-27.

MOURA, F. S. **A Educação Ambiental como prática pedagógica para educação infantil no contexto da economia solidária.** UNB, 2011.

NERES, S. H. L; LIMA, V. A. A. **Ética e Moral na sala de aula: estudo sobre uma prática pedagógica transversal.** Anais do I Congresso de Epistemologia Genética da Região Amazônica – 27 a 29 de Abril de 2011.

NEVES- PEREIRA, M.S. **O ensino Criativo. Uma forma divertida de aprender.** Integração, 1996.

OLIVEIRA, E. L. T. **A participação da família na melhoria do desempenho escolar e qualidade educacional.** Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Faculdade Don Domênico - 2ª Edição. 2009

PAQUAY, L; WAGNER, M. C. **Competências profissionais privilegiadas nos estágios e na vídeo formação.** In: PAQUAY, L; PERRENOUD, P; ALTET, M; CHALIER, ÉVELYNE (Org). **Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?** 2ed. Porto Alegre: Artemed, 2001.p..135-159.

PENTEADO, H. D. **Meio ambiente e formação de professores.** São Paulo: Cortez, 1994. 120p

PESSOA, G. P; BRAGA, R.B. **Educação ambiental escolar e qualidade de vida: desafios e possibilidades.** Revista Eletrônica de Mestrado. Rio Grande- FURG, 2010.

PIANA, M. C. **Serviço Social e Educação: Olhares que se entrecruzam.** Serviço Social & Realidade, Franca. v. 18, n 2. 2009

PORTILHO, F. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005. 255p

PRADO, J.C; TESCAROLO, R.A **pedagogia encharcada de amor de Paulo Freire na prática docente**, 2007.

QUINTAS, J. S. **Educação no processo de gestão pública: a construção do ato pedagógico**. In: Carlos Frederico Bernardo Loureira, Philippe PomierLayrangues, Ronaldo Souza de Castro(orgs.) Repensar a educação ambiental: um olhar crítico- São Paulo: Cortez , 2009.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2010. 93p

REZENDE, R.V.B; SANCEVERO, M.S. **A configuração da profissão docente: do estresse ao bem-estar**. [Editorial]. Lentes pedagógicas, v.1, n.1, p. i- xviii, 2011.

ROCHA, C.S; MACÊDO, C. R. **Relação Família e Escola**. Unama. Belém, 2002.

SANTOS, B. S; ANTUNES, D. D. BERNARDI, J. **O docente e sua subjetividade nos processos motivacionais**. Educação, v. 31, n 1, p.46-53. Porto Alegre, 2008.

SATO, M. **Educação Ambiental**. Rima. São Carlos, 2003.

SILVA, D. D. **A prática docente: reflexiva: o currículo na educação infantil**. Três Rios- RJ, 2011.

SILVA, M. C; HAINARD, F. **O ambiente: Uma urgência interdisciplinar**. Papirus. Campinas, São Paulo. 2005.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Educação ambiental: natureza, razão e história**. Campinas: Autores Associados. 2004. 170p

WOORWARD, K **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In. SILVA, T.T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** 11 ed. Petrópolis: Vozes. 2012. 113p

TAFNER, E.P. **A contextualização do ensino como fio condutor do processo de aprendizagem**. Instituto Catarinense de Pós Graduação, 2008.

TELLES, M. Q. et al. **Vivências integradas com o Meio Ambiente**. São Paulo: Sá, 2002.

VILAS-BOAS, D. A. C. **UMA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: Re- Desenhando o Espaço e as Relações Escolares**. João Pessoa, PB: 2002. **História dos agrotóxicos**. <<http://www.planetaorganico.com.br/agrothist1.htm>> Acesso: 07 jan. 2013.

VILCHES, A.; MARQUES, L.; GIL-PEREZ, D.; PRAIA, J. **Da necessidade de uma formação científica para uma educação para a cidadania.** In: I SIMPÓSIO DE PESQUISA EM ENSINO E HISTÓRIA DE CIÊNCIAS DA TERRA E O III SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE GEOLOGIA. 2007, Campinas, Atas do I Simpósio...Campinas: UNICAMP, 2007, p. 421-426. Disponível em: <http://www.ige.unicamp.br/simposioensino/simposioensino2007/artigos/003.pdf>. Acesso: 09 dez. 2009.

WALDMAN, M. **Lixo: cenários e desafios.** São Paulo: Cortez, 2010. 231p

ZEPPONE, R. M. O. **Educação ambiental: teoria e práticas escolares.** Araraquara: JM, 1999. 153p

Declaration of the United Nations Conference on the Human Environment, Estocolmo, 1972. Disponível em <<http://www.un-documents.net/aconf48-14r1.pdf>>Acessoem: 07 jan 2012.

Exxon Mobil sofre multa de US\$ 4 bi por desastre no Alasca. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/inter/reuters/2002/12/07/ult27u29296.jhtm>> Acesso em: 07 jan. 2012.

Improving Access to Safe Water: Perspectives from Africa and te Americas. International Symposium. Disponível em: <<http://www.abc.org.br/IMG/pdf/doc-291.pdf>>Acessoem: 07 jan. 2012.